

ASSIGNATURAS
 ANNO..... 20\$000
 SEMESTRE.. 12\$000
 Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Não ha dôr maior do que a de coice, quando o paciente tem consciencia de não haver feito por merecel-o.

O nosso amigo, o habilissimo sr. Seabra foi, durante um longo periodo de preponderancia da sua influencia no Governo, o lord protector da olygarchia accyolina; empenhou todo o seu prestigio para attenuar a repugnancia que os donatarios do Ceará inspiravam ao sr. Rodrigues Alves, e auxiliá-os no trabalho de se apoderarem de todos os elementos de oppressão, unico meio de se perpetuarem no poder. Por ultimo, quando o sr. Accioly, o patriarcha da terrivel familia, viu frustrados os seus planos com a refôrma eleitoral, foi ainda o nosso Seabra quem lhe forneceu a peça principal da machina de degolar o eleitorado da opposição, vencendo a opposição á nomeação do juiz Studart, juiz forca, juiz facção, capaz de todas as monstruosidades para servir os caprichos e ambições dos supraditos donatarios do Ceará.

O alcandorado pagé Accioly hypothecou ao ministro o mais sincero reconhecimento pelos serviços prestados á olygarchia; fez-lhe os mais completos juramentos de fidelidade, em termos tão absolutos que o nosso ingenuo Seabra o incluiu em o numero dos amigos para a vida e para a morte, especialmente para a victoria da chapa da opposição da Bahia.

Sabem os nossos leitores como fôram cumpridas essas fementidas juras? Percebendo que a Colligação se fizera *bloco*, o sr. Accioly mandou o sr. Seabra áquella parte... onde se cultivam as favas da ingratição; mudou de casa e virou, com toda a sua bagagem, com todas as armas da sua legião de servís, para o rumo da victoria.

Nada disso, porém, é extraordinario, porque está bem ajustado aos moldes da politicagem sem moral,

sem pudor, que passou a ser uma chaga maligna nessas aggremações carecedoras da seiva do character, organismos degenerados em via de necrose generalizada. Em politica, conforme a concepção dos seus próceres, tudo é permittido; todos os crimes, todas as baixezas, todas as cobardias são actos justificados pela victoria. Para ella só ha uma coisa vergonhosa: — a derrota.

Mas a olygarchia cearense está batendo o *record* da torpeza, com um desprendimento dos escrupulos mais humanos; nella se vão colher os instrumentos mais passivos, quando se projecta friamente um crime, como esse da espoliação de uma cadeira na Camara ao candidato legitimamente eleito pelo Paraná; nella se encontram homens que não trepidam em se expôr á execração publica, com tanto que sirvam aos planos dos potentados vencedores.

Ainda mais. Toda a gente, mesmo os mais destituídos de senso moral, apparenta justificações hypocritas aos seus crimes. Não ha christão ou judeu que se não procure escuzar á negra pecha da ingratição, coisa que os famulos da olygarchia acciolyna consideram a escravidão simplesmente dos seres inferiores. Elles não se contentam com serem traídores, com faltarem á fé jurada: fazem alarde disso em termos de barbara, de hedionda, de inconcebivel franqueza, capaz de agitar, em arrepios de indignação, as almas mais ferózes.

Querem os nossos leitores uma prova disso; querem uma amostra da degeneração moral daquella despencada gente? Leiam o seguinte vomito, que emplastára o jornal do nosso esperto Accioly, *O Republica* de 30 de abril ultimo:

« A 3ª commissão de verificação de poderes, de que faz parte o dr. Thomaz Accioly e dr. Thomaz Cavalcante, deu parecer unanime reconhecendo deputados pelo 1º districto eleitoral da

Bahia, *todos* os candidatos do dr. Severino Vieira, com preterição da chapa do dr. Seabra, CUJA AMIZADE SOUBEMOS CULTIVAR COM **lisonja** E CARINHO, EMQUANTO NOS CONVEIO, MAS QUE HOJE **deitamos ao lixo como coisa imprestavel.** »

Não ha, de memoria de coisas torpes, nada igual a essa franqueza infamissima, que excede a tudo quanto a phantasia possa imaginar de mais vil, de mais deshonorador da nossa especie.

Essas infamias atravessam as almas negras nos paroxismos da loucura criminosa; occupam, talvez por momentos, os cerebros escuros aos quaes falta a luz benefica da consciencia, mas não se escrevem com esse desplante allucinador.

Esse trecho é um trapo ensopado na sanie da politicagem cearense. Elle, na sua repugnante, na sua sujissima contextura, é tecido com as fibras mais caracteristicas dos individuos incapazes, de uma barbaridade inédita, representantes da politica dos governadores, inventada para salvar a patria e agóra transformada em *bloco* para resolver um transcendente problema de salvación publica.

Toda a vez que se projecta uma grande maroteira, apparecem os interessados nella, encapados num pretexto patriotico. Concentração, colligação, *bloco* não passam de euphenismos a encobrirem os intuitos de uma politica que acaba de se desmascarar com a trucição fria, monstruosa, da refôrma eleitoral.

* * *

O amigo Seabra está sentindo a dôr desse coice, as amarguras da mais negra ingratição.

Que lhe sirva a dura experiencia, essa decepção formidavel, contundente de mais para não deixar echymoses duradouras.

Aquella deshumana perfidia deve servir de aviso para se aperceberem

os directores da situação politica contra egual crise, quando necessitarem de provar, em momentos decisivos, a fidelidade, a sinceridade da illimitada abnegação daquelle chefe, que figurára, sempre genuflexo, na primeira fila dos subservientes e dos traídores, de olhos avidos e velhacos fitos na ventoinha da victoria.

Si amanhã, por uma dessas reviravoltas que estão na área das hypotheses mais prováveis, o *blóco*, apesar da sua rigidez apparente, se derreter como um sorvête, o alcandorado régulo cearense repetirá a perfidia, com a mesma frieza monstruosa, reclamando a honra de figurar entre os heróes da defecção sem remorso.

Elle não se emmaranha nas teias das incompatibilidades moraes, divergencia de principios, de convicções, para manter o poderio oppressivo que é a ultima vergonha da Republica.

POJUCAN.

ARMADA NACIONAL

*A Escola Naval. — O ensino. — As reformas. — Alguns lentes. — Concur-
sos e publicações — Episodios curiosos.*

Desde o almirante Wandenkolk, em 1890, todos os ministros da Marinha, em seus relatorios, teem dito, quasi com as mesmas phrases até, e referindo-se aos programmas do curso da Escola Naval, que elles são excessivamente theoreticos e que o ensino alli se resente da falta de um cunho pratico indispensavel. Isso ainda hoje é, e com razão, repetido; no entretanto, de 1890 para cá, houve nada menos de 5 reformas na organização do ensino naquella escola!

Que prova o que fica acima, quando se acrescenta que todas essas reformas fôram realisadas pelo pessoal mais competente — a congregação — prestigiadas e referendadas pelos ministros, que, é verdade, sempre disputaram de pouco tempo para essas *questões minimas*? Evidentemente prova que a congregação ou não está na altura das funcções que desempenha, pois nem ao menos sabe organizar um programma para o ensino que rege, de accordo com as necessidades que na vida pratica hão de encontrar os alumnos, ou que, sendo capaz de fazer um programma util, assim, não o faz, attendendo, nas occasiões das reformas, a interesses outros que não os do ensino; ou, finalmente, que essas duas causas reunidas concorrem

para o facto acima citado, de, após cinco reformas dentro do prazo de 16 annos, o ensino na Escola Naval sentir-se da falta de cunho pratico imprescindivel, e ser deficiente embóra excessivamente theoretico. A terceira hypothese é a verdadeira: a um bom numero de lentes da Escola Naval falta o preparo para decentemente regerem a suas cadeiras; a um bom numero ainda, faltam os mais comeseinhos preceitos de moral, indispensaveis, de todo o ponto, a quem exerce o magisterio.

Accresce mais que, nem todos os directores que teve o estabelecimento nos ultimos dezeseis annos, estavam em condições de exercer superiormente taes funcções e que a vitaliciedade dá tal força aos lentes (alguns sem concurso), que quando na directoria se achavam homens competentes, nada puderam fazer afim de moralizar o ensino na Escola. Por isso, muito embóra este ensino nada tenha melhorado, em conjuncto, de 1890 até hoje, tendo até talvez peiorado, o numero de lentes é o dobro do que era naquella epocha, pela introducção de cadeiras novas, realizada a cada reforma; por isso, cada vez maiores são as vantagens dos lentes que, na ultima reorganisação, não achando mais processos para colherem proveitos de outra natureza, proclamaram-se *doutores*: os lentes da Escola Naval são todos doutores por força de um artigo do regulamento, que elles mesmos arranjam.

Não é tarefa simples demonstrar, agóra, a falta de capacidade de grande numero de lentes: teriamos de debater questões technicas, pouco familiares á maioria dos leitores e pouco proprias á natureza do nosso trabalho; contudo, por uma analyse ligeira sobre alguns dos *doutores*, facil será formar um conceito sobre a veracidade do que affirmamos.

Começaremos a nossa investigação por um *doutor*, que foi, durante muito tempo, considerado — o sabio — por excellencia; fez, ha approximadamente vinte annos, um concurso; classificado em 2º ou 3º logar, não foi nomeado, e desde então agarrou-se como ostra á Escola Naval; publicou, como segundo-tenente, um *vade-mecum* para pilotos, sob pomposo titulo, livro util para officiaes de marinha sem preparo, desde que disponham dum virador e cortador de paginas, tantas são as referencias que, a cada nova questão, se encontram a questões já anteriormente resolvidas; fundou depois as lamentaveis industrias de explicações a pilotos e aspirantes, e sobre as quaes nos entenderemos mais tarde.

A marinha antiga, pela publicação do *vade-mecum*, sagrou-o sabio: não

admira; ha pouco mais de 20 annos, havia na marinha brasileira, commandantes notaveis que calculavam o angulo horario por meio de arco auxiliar. O nosso luzeiro, no emtanto, continuava identificado com a Escola Naval; afinal, por força de uma das reformas, eil-o lente cathedratico, sem concurso de balística, primeiro; em seguida, de astronomia; depois, de mechanica racional; de mechanica applicada, mais tarde; seu concurso, feito havia vinte annos, fôra sobre navegação! Mas, que eram a sua balística, a sua astronomia, as suas mechanicas?

A balística reduzia-se a divagações sobre o estudo dos «projectis no vacuo». Sobrava-lhe naturalmente tempo, e o resto do anno lectivo elle preenchia com a narrativa dos seus feitos: um brilhantissimo concurso na Escola do Realengo, com provas semelhantes ás maçonicas, ás descobertas dos logarithmos, de processo para indicação do raio terrestre, da orthodromia, etc.; sim, porque, doença ou... doença, elle se diz auctor de taes descobertas. A astronomia resumia-se a descomposturas em todos os auctores de compendios dessa disciplina; e, como nenhum livro bom existia sobre tal materia, estudava-se trigonometria em vez de astronomia; mas como tambem os tratados de trigonometria viviam cheios de erros, elle creava uma trigonometria sua, differente da dos compendios. Novas façanhas eram narradas como complemento ao curso: o plano de fortificação dos morros que circundam a bahia Guanabara, plano graças ao qual o Governo dominára a revolução de 93, e que lhe fôra roubado por um policia-secreta, etc. Na mechanica, este Propheta ou Münkausen, resumia a estatica em uma só prelecção, e esta se resumia ao seguinte: «si o mar fôsse tinta, o céu o papel e os peixes escritas, escrevessem estes toda a eternidade sobre a estatica, a estatica não ficaria estudada; assim fiquemos nisso». E' forte, é incrível? Mas é facto, facto que as auctoridades conhecem e que a congregação não ignora.

Qual é, pois, a sciencia deste sabio, lente de tantas cadeiras, mas sem concurso?

Já não poderemos dizer *sem concurso*, a respeito de um outro *doutor*; esse, sim, fez concurso, e tão brilhante que um auctor inglez, ha vinte annos, escrevia textualmente o que dez annos mais tarde esse *doutor* escreveu em quasi metade da sua these, conforme o demonstrou seu contendor, nesse concurso. Este contendor, duma crassa ignorancia e extremamente petulante, conseguiu levar á parede aquelle *doutor*; mas a congregação felizmente lá

estava vigilante, com o descobridor dos logarithmos á frente, para fazer justiça ao que fôra victima do plagio do auctor inglez, classificando-o em primeiro logar; foi nomeado o *doutor*. O *doutor* já antes publicára um trabalho sobre a mesma disciplina a respeito da qual versou aquelle concurso, e é bem de crer que, si posteriormente aquella these foi o portento que deixámos dito, naturalmente publicado uns quatro annos antes, esse trabalho deveria ser, como de facto é, estu-pendo. E' pena que só o conheçam os alumnos do *doutor* mediante 20\$ cada exemplar. Por certo, si o *doutor* pudesse geitosamente obrigar os interessados a ficarem com exemplares do monumento, como fez com os seus alumnos em 1900, muito lucraria a artilharia nacional. Existem ainda outros trabalhos do *doutor*: um caderno impresso por copia, com 150 paginas, tratando de materia que, resumida, alguns auctores, mediocres é verdade, teem exposto em 600 paginas impressas; custava 10\$ o exemplar; a edição esgotou-se e, egoisticamente, o *doutor* não mandou renovar-a; e um «curso de qualquer coisa», cuja critica foi muito bem feita num numero da *Revista Maritima*, de 1901, por um, actualmente, collega do *doutor*.

Mas, bons ou máus, baratos ou caros, os livros do *doutor* apparecem; consta-nos até que breve apparecerá um outro, ampliando uma theoria pelo *doutor* exposto ao commandante do *Floriano*, em 1901, sobre a collocação das chapas de couraça nos vasos modernos. Que venha esse novo livro, desejamos. Infelizmente, não virá a segunda edição do *vade-mecum* de piloto, do descobridor dos logarithmos. Em 1898, correu subscrição para a impressão do *vade-mecum*, ampliado e melhorado; cada exemplar custaria 20\$000, aos subscriptores; o auctor apurou na marinha cerca de 9:000\$000, e até hoje, oito annos passados, o livro não safu. As auctoridades não saberão disto? Sabem, porque tambem, em geral, caíram.

Mas não nos podemos deter tanto tempo com cada lente. Os dois *doutores* que analyzamos são officiaes da armada; e, destes, entre reformados, demittidos ou na reserva, ha ainda, lentes da escola, nove; quasi todos tão ignorantes, são, no emtanto, quasi todos mais serios que aquelles dois.

Uma das cadeiras technicas, de maior relevancia, é regida por uma nullidade, official verdadeiramente *de brinquedo*. Lecciona, porém, disciplina em que muito official general competente, não se aventuraria a crear opinião sua; é espectáculo divertido apreciar como este outro *doutor* censura tal manobra do consul

Duillio, ou profliga a tactica empregada por Tegetohff em Lissa. Nelson commette erros e Togo não teria tirado todo o proveito possivel em Tsu-shima, no criterio deste inegualvel Jurien de la Gravière.

TONELEIRO.

PAGINAS ESQUECIDAS

ENCYCLICA POETICA DE LEÃO XIII
SOBRE A ALIMENTAÇÃO
CHRISTÃ

Nosso Santo Padre Leão XIII, acatando, como bom Pontifice e cuidadoso colono do Lacio, os preceitos venerandos de Collumella e Varro, começou, nas Kalendas de Setembro, por um tempo muito claro e muito doce, a viudimar com amor a vinha do Vaticano. No Vaticano ha uma frondosa vinha. Nem ella podia faltar na morada do Papa, pois que Jesus, na noite da Ceia, recordando os vergeis e as parreiras de Corazim e Cesaréa, e os cachos maduros a que os vindimadores espremiavam o succo, como sangue generoso, destinado a levantar os corações dos homens, murmurou triste e pensativamente: — «Eu sou a vinha e meu Pae o vinhateiro!...» De resto, desde os tempos vetustos da Roma dos reis, sempre a vide rastejou ou se enroscou ao olmo sobre a collina do Vaticano. Mas, ou por causa da insalubridade desses ares pezados do *Mons Vaticanus* que já Tacito acuzava, ou por causa da escassez do sólo duro que desconsolava Cicero—o vinho da collina era tão delgado e rascante que Marcial, superfino conhecedor, o considerava uma peçonha, e, no Livro VI dos Epigrammas, grita assustado ao seu amigo Ammiano, que erguia a taça: — «*Vaticana bibis? bibis venenum!* Bebes vinho do Vaticano — bebes veneno!» Sob a vigilancia, porém, dos Papas sumptuosos como Innocencio VIII, e Leão X, e Alexandre VI, e Julio II, essa vinha pontifical, tratada pelos dictames do saber renascido, acabou por produzir um vinho tão seivoso e perfumado que os Borgias, os Caraffas, os Farnozos, o preferiam ao de Chypre, e mesmo ao de Syracusa, para administrar aquelles venenos d'Estado tão proveitosos, durante a Renascença, á supremacia, opulencia e magestade das grandes familias papaes. Hoje essa vinha, decaída da sua importancia tragica, honesta e fraca como o Papado, dá dez pipas dum vinho tambem decaído, claro e palhete, que o Vaticano bebe e reparte com os Hospicios de Roma.

Antes, porém, de começar a sua vindima, Nosso Santo Padre Leão

XIII, tão benefico para os nossos corpos como para as nossas almas, desejou ensinar aos seus filhos espirituales o avizado regimen que melhor conserva a saúde, robustece a força, torna o espirito subtil e livre, e condúz a uma velhice verdejante... E ainda neste cuidado observou elle, como puro Papa romano, a tradição ritual de Roma — porque, sempre outr'ora no Lacio, em manhã de vindimas, um grande pontifice, o Flamen-Dialis, cercado pelo Collegio Pontifical, com o ramo de oliveira na mitra branca, descia ás vinhas, e antes de immolar a ovelha a Jupiter, de pizar uns bagos na taça sagrada para offertar aos Deuses as primicias do vinho novo, recitava paternalmente algumas das antiquissimas maximas do tempo de Numa, em que se aconselhava a sobriedade, as serenas e faceis alegrias, a aceiada singelleza, e esse desdém dos marmores, dos vasos de Corintho, dos acepipes raros, que dera tão doce quietação aos Sabinos e tornára a Etruria tão forte.

Para nos penetrar dessa fecunda lição, o Papa empregou tambem o verso latino com aquella elegancia límpida, ainda que um pouco molle, que o tornaria merecedor de pontificar, senão nos tempos d'Ovidio, ao menos nos tempos d'Ausonio. E com tão sabia minuciosidade tratou, nestes hexametros copiosos, dos aprestos da meza, e da escolha attenta dos vinhos na adega, e da excellencia da gallinha e do anho, e da preparação prudente dos ovos, e dos legumes onde deve sobresahir a «couve saborosa», e da sobrezeza onde cumpre que resplandeça a «maçã rubicunda» — que essa dissertação, ainda que sob a fôrma de Epistola, e dedicada a um certo Fabricius Rufus, patricio romano, constitúe realmente, para todos os catholicos, uma *Encyclica poetica sobre a Alimentação Christã*. De certo, ella não foi metrificada em Concilio Ecumenico, sob o bafo e a inspiração do Santo-Espirito, e não a reveste, portanto, o scello sagrado da Infallibilidade Papal. Mas todas as recommendações que emanam do papa, mesmo familiares, e murmuradas sobre o prato, possúem inevitavelmente um cunho de certeza, pois que fôram elaboradas naquelle espirito, que, unico entre todos os espiritos, não pôde vacillar nem errar. A agua duma fonte não muda na sua pureza e efficacia segundo foi recolhida em vasos santos, com pausados ritos, por um grande Bispo para baptizar um rei Sicambro — ou por uma velha, de touca e tamancos, numa chaleira, para ferver o chá dum herege. E nós, mortaes confusos, atarantadamente enrodilhados na duvida, temos fatalmente de venerar, e soffregamente seguir, como dogmas, os

conselhos do unico mortal, que, neste mundo de incerteza e obscuridade, permanece seguro e lucido. Ainda mesmo sob a sua fórma risonha, e destinada a deleitar nos Elyseos a alma douta de Fabricius Rufus, esta Epistola do Santo Padre baixa, pois, sobre todos os catholicos com a força e a auctoridade dum Mandamento.

E foi por isso que, com respeitosa magua, encontramos neste polido Mandamento, de tão esbelta latindade, uma doutrina que desmente toda a sublime experiencia da Vida Evangelica, e se colloca em mundano antagonismo com a seraphica historia dos Doutores e dos Santos. E tanto que, na primeira surpresa, julgámos ser essa uma Epistola inédita d'Horacio, composta pelo delicioso e impenitente pagão, mestre persuasivo da Mediania ditosa, numa tarde de maio, entre as roseiras de Preneste, em quanto Chloë, coroada de violetas, arrefecia na fonte os cantaros dos dois divinos vinhos misturados, o Faustino e o Massico! Mas não! O sapiente Poema Gastronomico fôra trabalhado pelo herdeiro de Pedro, dentro da atormentada barca de Pedro!

Deslizemos sem reparo sobre os primeiros versos da Epistola, em que Leão XIII, com o seu fino e amavel sorriso, estende sobre a meza a toalha que elle deseja muito fina, muito alva, ornada d'alguma prata. A limpeza, apesar de esquecida no cathecismo, é na realidade a Quarta Virtude Theologica. Santo Agostinho, na sua casa de Hippona, mantinha um aceio extremado — e, sob os olhos consentidores de sua mãe Santa Monica, comia com colheres de prata. Oh! bem sei! a alma de Santo Agostinho era uma açucena christã, com as raizes ainda mergulhadas no torrão da idolatria, e por vezes emballada e até perturbada por aragens muito doces que sopravam da Sicilia e da Grande Grecia, acarretando o aroma das essencias queimadas nos altares de Aphrodite! São Thomaz de Villeneuve, porém, rigido santo esse, limpo de toda a poeira pagã, possuía um saleiro de prata — pequeno, leve, sem valor, mas de prata! O ardente S. Remigio era tambem o proprietario timido duma colher de prata — unica, lisa, sem lavores, mas de prata, e com que elle comia as suaservas nos grandes dias, como quando converteu Clovis, rei dos francos. Tão excelsos precedentes de Bispos e Doutores auctorisam santamente o Santo Padre em aconselhar que, na meza vistosa que nos offerece, o aceio dos puros linhos seja avivado com o brilho dalgum metal precioso.

Mas, logo posta a meza, o bem-amado pontifice contraria toda a experiencia da Historia Ecclesiastica,

recommendo, com jocundo zelo, que se subam da adega os vinhos mais finos e frescos, «pois que elles espalham a alegria na alma e a libertam do escuro cuidado!» Não, Santissimo Padre! Toda a rutilante legião dos Santos, Bispos nas cidades ou Eremitas no deserto, protesta, mostrando os *Acta Sanctorum*, contra o vosso preceito Horaciano. S. João Chrysostomo, o esforçado Santo Eloy, S. Pedro Damiano, que purificou a Christandade, S. Lião, que com o seu cajado repelliu das portas de Roma as hordas d'Attila, tantos ainda, innumeraveis como as estrellas, e como ellas rebrilhantes de claridade immanente, nunca beberam vinho! Se S. Polycrono, ás vezes, á noite, sorvia de leve meio calice, era com choroso sacrificio, para se libertar das gastralgias que o impediam de arrebanhar robustamente para Christo o duro e resistente povo da sua Sé de Babylonia. Mas S. Thiago nunca percebeu sequer que verdejassem vinhas sobre a terra! E S. Romualdo collocava deante da sua gruta um jarro de vinho velho de Chio para o escarnecer, como liquor grotesco que leva aos esgares, aos passos cambaleantes, aos dizeres asininos e babados... A clara bebida destes justos foi a agua! E alguns só a aceitavam quando ella se tornára bem morna e salobra. S. Porphyrio expunha a sua bilha ao sol, á poeira dos caminhos, á babuge dos bichos, para que ella se corrompesse, e, assim impura, ficasse propria da sua impureza. Santa Catharina de Genova entornava no seu pucaro vinagre e sal — para não beber menos amargamente do que Jesus bebera no Calvario. E esta mesma agua, estragada com amor, só a provavam aos góles, não para contentar, mas para exasperar a sêde, e produzir o precioso soffrimento donde saíria o precioso resgate. Durante os oito derradeiros annos da sua espantosa vida, S. Lupicino não bebeu: e no ardor dos estios, entre os rochedos abrazados onde escolhera a sua cóva, mergulhava as mãos num balde d'agua lodosa para calmar a pelle que lhe estalava, encarquilhada, como um pergaminho sobre o lume. S. Lupicino não bebeu durante oito annos — mas Santo Alberto não bebeu durante vinte, e a sua cabana dominava um valle todo cortado de frios regatos, saltando de rochas claras.

E onde houve, santissimo Padre, robustezes magnificas e almas lavadas de cuidados, que se comparem ás destes ditosos? S. Zebino, aos oitenta e seis annos, caminhava carregado de grossas cadeias de ferro, enrodilhadas no peito e nos braços, e arrastando, com tal pezo e fragor, que atroavam as solidões de Sceté. S. Nilo vivia, e

muito gostosamente, com o pescoço mettido numa canga immensa, feita de grossos tóros d'arvores. A força desses santos, que apenas se desalteravam, como as feras dos seus desertos, no fio barrento d'algum regato avaro, excedeu a dos heróes de Homero, que jantavam um boi, despejavam um tonel, e morriam moços. Solitarios houve que, importunados dum modo excessivo por Satanaz, lhe arremessavam aos cornos um penhasco ou a columna tombada duma vasta ruina. E a alegria destes simples era tão perfeita, tão transparente a quietação dos seus corações, que só o translucido lampejo dos seus olhos sumidos nas rugas, ou o riso ineffavel das suas velhissimas boccas desdentadas, curava as maiores melancolias humanas. Em Alexandria, todos os atormentados, todos os doloridos d'alma, os Philosophos que na Philosophia não encontravam repouzo, os Voluptuosos que na Voluptuosidade só recolhiam a amargura, emprehendiam a dura jornada ao monte Colzin para considerar, durante momentos, como um vasto céu de serenidade, donde a serenidade descia, a face de Santo Antão...

Mas se nosso Santo Padre, no carinhoso desejo de nos ser indulgente, se esqueceu da influencia da agua sobre o corpo, a que communica a sua elasticidade, e sobre o espirito, que penetra da sua limpidez — como perpassou ainda sem proveito por sobre a ensinadora Historia dos Santos, quando, para a meza do seu dilecto Rufus, afim de que elle cresça em energia d'entendimento e rija actividade de corpo, recommenda a vacca, a gallinha e a vitella?... Gallinha e vitella! Ah! Ah! Gallinha e vitella! Mas os mais resolutos e diligentes Santos nunca provaram desses pratos, que lhes pareceriam de culpada, escandalosa gula! Os solitarios só comiam pão, aquelle duro bolo chato, do tamanho da roda dum carro sabino, que cada mez, pela lua nova, os serventes dos mosteiros da Thebaida traziam em enormes ceirões, nas ancas dos dromedarios, e repartiam pelos eremitarios, annunciando tambem as novas de Roma e das Sete Igrejas da Asia. S. João Capristano, Santo Ambrosio de Sienna, S. Carlos Borromeu, S. Macario, S. Basilio, viveram d'ervas, de codeas seccas, que alguns salpicavam de cinza, e outros, como São Lourenço, Arcebispo de Dublin, mergulhavam para mais funda humildade na agua suja dos porcos. Outros desdenhavam soberbamente estas codeas d'Epicuro. Santo Onofrio comeu cem annos duma palmeira que crescia junto á sua caverna. Durante quarenta annos, um mólho d'ervas, borrifadas de vinagre, bastou ao grande S. Con-

rado. S. Gezelino, de rastos pelos sombrios bosques de carvalhos, roía as bolotas que apanhava, cantando a magnanimidade do Senhor!

E agóra, recordada a aspera abstinencia destes homens, recordáe as suas obras sublimes! Mais mal alimentados que os bichos das mattas em tempo de neve, elles possuiram uma energia e uma largueza d'actividade, que por vezes, de repente, mudava o feitio moral do Mundo. Certo alegre esfarrapado, que trincava os agriões do seu jantar conversando com os passarinhos — foi S. Francisco de Assiz! Um monge que só comia, numa tigella de pau, a sôpa de folhas de faia por suas magras mãos cozinhada, foi S. Bernardo, em Claraval. E o macilento hespanho! que se nutria dumas vagas folhas de couve — foi Santo Ignacio de Loyola. S. Mauro, velhissimo, sustentado com tres favas por dia, estenden á hora de adormecer no Senhor, no seu catre de trapos e cinzas, os descarnados braços, e abençoou os cento e vinte mosteiros de que fôra fundador. E S. Bento, que raramente juntava algumas ervilhas ao seu pão, pôde depois, atravéz de seculos, no Céu, correr cada alvorada ás portas do Céu, que se abriam, e se abriam, e se abriam, para receber cinco mil santos, que eram todos da sua Regra!

Mas que valem estas obras do mundo, e pereciveis? Contempláe antes os portentos da Vontade super-humana! S. Romualdo, que escarnecia o vinho, escarnecia a carne — e só consentia em raizes amargas. Pois um dia S. Romualdo, caminhando para a Italia, atravessava os Alpes num rude carro, pesadamente puxado por dois bois da Camarga. Numa volta de cerro, parou e desceu, afastando os passos nús atravéz da neve densa, para rezar retiradamente no abrigo duma gruta. E eis que, ao voltar, encontra os seus bois devorados por dous terrificos ursos, que, por sobre as carnes rasgadas e os ossos, ainda grunhiam, com o focinho babado de sangue! Então S. Romualdo cravou nos ursos um olhar de tão sublime mando, tão radiantemente descido das maiores alturas divinas a que se pôde erguer uma alma humana, que as duas féras, com as patas docéis, desatrelaram as carcasas sangrentas dos bois e, a tremer, submissamente, se engataram á pesada canga.. E S. Romualdo, direito no carro, com o capuz aberto, a testa reluzente no reluzir da manhã, penetrou nas planicies da Lombardia puxado por dois grandes ursos.

E tal energia, Santissimo Padre, fôra estimulada com raizes amargas! Mas que vale o raio dardejante deste olhar omnipotente — perante o familiar, facil, distrahido, risonho aceno de S. Macario? Este delicioso santo,

quando habitava na margem lybica do Nilo e quegia atravessar para a margem arabica, ou descer ás santas cidades de Ptolomaís e de Antinoe, caminhava para a beira da agua, procurava entre o bando de crocodilos que boiavam ou se aqueciam ao sol algum de dorso bem largo e bem comodo — e risonhamente movia o dedo num aceno risonho. Immediatamente o monstro fendia a corrente até á areia lisa, onde se arrimava como um barco se arrima a um cáes. S. Macario saltava para o dorso do crocodilo; e sentado, affagando mesmo distrahidamente a grossa crosta rugosa, atravessava ou descia o velho rio, estrada real do Egypto, com a face envolta na luminosa doçura do ar thebano, a alma erguida ás deslumbradoras esperanças do Céu.

Onde existe feito de energia moral, comparavel a este quieto dominio sobre a natureza bravia? Só talvez o feito de governar homens superiores, porque esse demanda certamente uma mais intensa irradiação de força espirital do que atrellar ursos a carros ou navegar sobre crocodilos! Pois bem! Muitos desses Santos, que se sustentavam deervas seccas, mal amollecidas em agua salobra, governavam as grandes « laúras » do Deserto, conventos contendo um povo ardente de monges, dois e tres mil monges, e todos elles tão santos e ferreiros em milagres e predilectos de Deus como o abba que os governava! E como louvaremos outros que, quando se construíam essas vastas « laúras » e a pedra faltava para claustros e cellas, desciam á orla do Nilo, a algumas das poderosas ruínas dos templos pharaonicos, fitavam os muros rigidos, as enormes pilastras cahidas e murmuravam num sopro brando: « Vinde »! E atraz do Santo, a caminho do mosteiro em construcção, mais doces que anhos, os muros marchavam sulcando o deserto, os pilares logo erguidos seguíam, direitos na aragem, como os mastros de uma armada. Estes eram, na verdade, homens! E, só de os nomear, os joelhos se vergam de deslumbrada adoração!

Pois para viverem assim, tão sobrenaturalmente fortes, não se nutriam desses ovos, e mel de Hymeto, e gallinha, e vitella, e couve saborosa, e pecego rubicundo, e quentes vinhos — que Nosso Santo Padre, com tão meiga solicitude pelos seus filhos em Christo, nos prescreve em lustrosos versos latinos. Ao contrario! Por lhe faltarem os gordos capões e as vitellas tenras e os calidos Falernos que, engordando a carne, pezam na alma, a opprimem, a amolentam, a retardam, a escurecem — é que a alma delles reinou sobre o mundo tão rija, liberta, rapida, clara e triumphadora.

Nem esse confortavel regimen, Santissimo Padre, prolonga a vida! Nunca a ephemera vida humana attingiu tão descomedidas cifras de annos, como nesse deserto do eterno jejum! Um Pontifice de setenta annos passaria ahi por um moço tenro, fragil, inexperiente, incapaz de se livrar dos assaltos, já não do grande Satanaz, mas dos Mafarricos, dos Diabinhos de chavelho curto e curta malicia, que apenas sabiam arranhar os pés dos cenobitas, ou entornar as bilhas d'agua, ou metter entre os dentes da caveira de meditação algum gordo chouriço mal fingido e pueril. A idade madura dum monge da Thebaida começava aos cem annos. Aos cento e trinta, ainda muitos, cada dia, durante doze horas, cavavam, sob o duro sol, o seu duro horto, cantando os Psalmos com tão potente vóz que espantava as aguias. Alguns houve de quem se não sabia a idade e apenas se reconhecia serem velhos, muito velhos, por já não andarem, apenas engatinharem, com as rugosas mãos sobre as pedras, emmaranhando a cada esforço os joelhos despellados entre as nevadas, immensas barbas. Outros tanto viveram que transpuzeram o periodo consciente da Santidade, e recaíram no peccado pelas fraquezas e birras da decrepitude. Assim aquelle extraordinario Santo Aspar, que se não movia, agachado á porta da sua tóca, todo encarquilhadinho, todo mirradinho, e que, quando, com os seus olhinhos sempre curiosos e rebrilhantes, avistava as filas de peregrinos que se avançavam para o admirar, lhes fazia horrendas carantonhas e lhes atirava pedras, assanhado e a baba a escorrer.. E estes portentosos velhos nunca conheceram carne, ou gallinha, ou vinho, ou a fructa cheirosa, senão quando o negro Tentador lh'as apresentava, em sorrateiro e perfido silencio sobre mezas decorosas e aceiadas — extranhamente semelhantes a esta que o Vigario de Christo tão bem ornou e forneceu para gosto e proveito de Fabricius Rufus...

Ouzarei ainda desenrolar a minha surpresa perante os versos da Epistola em que o Santo Padre recomenda o café, com bondoso fervor insistindo mesmo que o tomemos de Moka e o saboreemos lentamente, em regalados góles? O café! Mas o café foi logo, desde a sua apparição, a bebida dilecta, quasi official, do Racionalismo! Estimulando a Imaginação e a Razão indagadora — elle implicitamente dissolve o respeito pela Regra e pelo Dogma immutavel. O café, mais do que a *Encyclopedia*, fomentou a Grande Revolução. Bebido, com o alvoroço da sensação nova, por Buffon, Diderot, d'Alembert, Rousseau, elle aqueceu mais aquellas almas caloro-

sas, aguçou mais aquelles espiritos penetrantes: e Michelet não duvida affirmar, com gongorismo, mas com rigor historico, que essa geração forte descobriu no fundo das chavenas, através da negra e perfumada bebida, o luminoso raio de 89! Os impios do seculo XVIII fôram insaciaveis bebedores de café — e na primeira meza do botequim do Procopio, onde elle se bebeu, se improvisaram, de certo, as primeiras pilherias sobre Jehovah. Voltaire tirou da cafeteira toda a sua obra demolidora. Esse diabolico rei da Prussia, Frederico o Grande, que morreu dos excessos do café, e que se regalava de não acreditar em Deus nem na Vida Eterna, exclamava, moribundo: « Já não sou nada, já não bebo café! O café a quem devo tanta idéa!». Agóra ao almoço só sete chavenas e ao jantar apenas quatorze! » Voltaire, Frederico da Prussia... Estes dois unicos homens deviam tornar para sempre suspeitos á Igreja os escuros grãos de onde elles tiraram a força, o ardor, a petulancia e « as idéas ». E agóra Nosso Santo Padre, num largo e doce gesto, *urbi et orbi*, chama a Christandade ao café!

Mas por fim o que mais nos surprehe e perturba é que tão doce e humano Papa, de genio tão espiritual, e Papa que tanto amamos, levante assim nos cimos da Igreja uma tão appetitosa meza, e a alastre de gallinhas, de vitella, de vinhos suaves e de fructas rubicundas, e a ella se sente risonhamente conversando com um Pagão — emquanto em redor arregalam os olhos tristes tantas creancinhas famintas, e por traz della as mães pallidas apertam aos farrapos do seio outras creancinhas ainda mais pallidas, e para além os paes sem trabalho, e sem lenha no lar enrugam a face sombria, e mais longe os velhos de secular miseria murmuram amargamente...

Na verdade, na verdade! Grande é a certeza do Papa e larga a sua ternura! Mas não penso que, deante desta esfaimada e rota Plebe, nem S. Bento, nem o pobresinho d'Assiz, nem o bom sr. S. Vicente de Paula, nem esse tresloucado S. João de Deus, nem o nosso velho Santo Antonio, nem S. Gregorio ou Pio V, que eram tambem Papas e devotos das lettras antigas, se entregassem ao trabalho de compor, sobre a arte de Bem-Comer, uma honesta Epistola Horaciana, d'elegante latinidade.

EÇA DE QUEIROZ.

Vendem-se collecções dos « Annaes » ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro e segundo semestres de 1905.

APANHADOS

Instrucção obrigatoria Na França, os efeitos da lei sobre a instrucção obrigatoria tem sido completamente nullos; entre os rapazes que fôram chamados para o serviço militar em 1905, encontraram-se, no departamento do Sena, 108 que não sabiam ler nem escrever; 50 que liam, unicamente, e 208 que sabiam ler e escrever. Na Bretanha, ha 40 ou 45 analfabetos entre 100 conscriptos.

**

O inglez, lingua universal Convencido de que o inglez se tornará a lingua do mundo e que a sua orthographia complicada retarda esse grande progresso, Carnegie prometteu sustentar, financeiramente, a campanha para a simplificação da orthographia. A idéa desta transformação remonta a Benjamin Franklin. O conselho dos inspectores primarios votou, recentemente, a refôrma de 21 palavras; era pouco ousado. O projecto de Carnegie é bem outro, inteiramente radical e não quer sinão modificar, por completo, o aspecto da lingua ingleza escripta. Oppõem-se-lhe as mesmas objecções que na França a refôrma da orthographia levantou: as palavras perderão os vestigios da sua origem historica e etymologica e uma parte da sua significação; as grandes bibliothecas, onde, desde 400 annos, se accumulam os livros, tornar-se-ão completamente inuteis, etc.

**

Os Hohenzollern na Alemanha Um livro que fez successo na Alemanha, actualmente, é a *Lenda dos Hohenzollern*, no qual um democrata socialista, Maurenbrecher, filho do historiador de Bismarck, mostra que o Estado prussiano e a unidade allemã fôram fundadas pelo povo e não pelos reis e que os Hohenzollern se vangloriam, injustamente, da fundação do reino da Prussia.

**

Uma curiosa exposição Uma exposição retrospectiva de bellas-artes váe ser realizada em julho e agosto deste anno, em Besançon; serão mostrados, ahí, desenhos e gravuras, que estão guardados desde 1819, ha quasi um seculo, nas pastas da Bibliotheca municipal daquela cidade. Essas

obras são quasi todas do seculo XVIII; são desenhos de Fragonard e a collecção quasi completa das gravuras de Waterloo, o paizagista de Lille, que se estabeleceu na Hollanda e ahí gozou de grande fama. Essas riquezas artisticas fôram legadas a Besançon pelo architecto Adrien Paris, que foi, durante muito tempo, em 1806, director da Academia de França, em Roma.

**

Varias Wellington, a capital de Nova Zelândia, é a cidade mais açoitada pelos ventos. Está situada á beira de um canal ou garganta que separa as duas ilhas principaes de que Nova Zelândia se compõe e por isto soffre, com toda a violencia, as correntes aéreas que cruzam por aquellas aguas.

*

Em Vienna, a luz electrica está a cinco metros de altura sobre o nivel do pavimento, porque, segundo se observou, ficando mais abaixo, incommoda muito a vista de qualquer pessoa.

*

Mais duma terça parte da superficie total da Terra está coberta de arvores. Em muitos logares da Africa e da America, ainda se encontram florestas immensas, completamente desconhecidas, que o homem civilisado ainda não desbravou.

*

As pennas que os meninos japo-nezes uzam para escrever são feitas de canna de bambú e de pello de coelho, formando uma especie de pincel. Apesar de parecer impossivel, elles traçam os caracteres do seu idioma com uma perfeita nitidez.

**

Immigrantes no Estado de Minas Dos duzentos e tantos mil estrangeiros, que em Minas, estão em maioria os italianos, (lavradores, operarios e artistas) que o padre Pedro Maldotti (commissario do governo da Italia) calculava, quando lá esteve, em 1892, attingirem a quarenta mil colonos, numero hoje muito augmentado pelas grandes levas de immigrants posteriormente introduzidos no Estado. Calcula-se que, actualmente, passa de cem mil o numero de subditos italianos domiciliados em Minas. Só o município de Bello Horizonte conta uns tres mil.

Estatística de imigração Já se avaliou em..... 2.023.693 o numero de imigrantes de varias nacionalidades (996.814 italianos; 454.406 portuguezes; 207.021 hespanhóes; 66.078 allemães; 44.361 austriacos; 39.388 russos; 10.511 francezes; 7.700 suissos; 2.746 belgas; 2.344 suecos; 186.785 diversos) entrados no Brazil de 1855 a 1901. Póde-se, pois, sem exaggero, calcular que, desses dois milhões e tantos, cerca de 250.000 imigrantes se localizaram em Minas, nesses ultimos cincoenta annos.

* *

A instrução em Minas Ha no Estado de Minas, uma Faculdade de Direito (sciencias juridicas e sociaes, em Bello Horizonte); uma escola superior de Pharmacia, obstetricia e odontologia (desde 1835, em Ouro Preto); uma afamada escola de engenharia civil e de minas (desde 1876, em Ouro Preto); um curso de odontologia (reconhecido pelo governo federal), anexo ao collegio Granbery, de Juiz de Fóra; uma academia de commercio e artes (Juiz de Fóra, dirigida por congregados hollandezes; varios gymnasios de lettras e sciencias (em Bello Horizonte, Barbacena, Diamantina, Ouro Preto, Juiz de Fóra, Pouso Alegre, Caraça, Cachoeira do Campo, S. João d'El-Rei, Uberaba); muitos collegios e lyceus para os dois sexos, em varias localidades, escolas normaes, mantidas pelo Estado e pelas municipalidades (em Arassuahy, Campanha, Diamantina, Juiz de Fóra, Ouro Preto, Barbacena, Sabará, Montes Claros, Paracatú, Uberaba, Serro, Ponte Nova, Marianna, Varginha, Tres Pontas, Minas Novas, S. Domingos do Prata, S. João d'El-rei); quatro seminarios theologicos, para ecclesiasticos (em Diamantina, Marianna, Pouso Alegre e Uberaba); cerca de 2.000 escolas primarias, mantidas pelo governo do Estado, alguns institutos de artes e lyceus de officios, sendo a instrução primaria obrigatoria e mantida não só pelos cofres do Estado, como pelas municipalidades e por particulares.

Dos estabelecimentos particulares de ensino technico e theorico, é notavel o grande collegio norte-americano *Granbery*, mantido pela congregação methodista, em Juiz de Fóra, e

no qual funciona uma *Escola de Pharmacia*, reconhecida pelo Governo Federal.

* *

Guilherme II escultor Sabe-se que interesse o imperador allemão tem em tudo quanto é arte; principalmente, na esculptura. Os habitantes de Berlim são as victimas e disto se lastimam, o que não impede o soberano impenitente de cuidar, actualmente, em erigir as estatuas dos cinco principes de Orange nos terraços do seu castello. Os esculptores que receberam a encomenda fôram convidados pelo imperador para uma audiencia; ahi Guilherme II lhes disse que, muitas vezes, tinha vestido as antigas armaduras das cavallarias para apanhar perfeitamente a maneira por que ellas combatiam e andavam. Tantas minucias elle deu a esses artistas—que se tornou, assim, seu collaborador.

* *

A primeira moeda norueguesa O governo de Noruega deverá pôr em circulação, por todo este mez, a moeda nacional destinada a substituir, pouco a pouco, a antiga moeda do reino-unido. Começou cunhando a mais pequena possível — uma peça em bronze dum *ore*, que corresponde, em dinheiro brasileiro, a pouco mais de 6 réis. O verso da moeda tráz as iniciaes do rei Haakon VII, e o reverso, que é muito semelhante ao da moeda sueco-noruega, desenhada segundo a moda do seculo XIII, pelo pintor Elif Petersen. A peça foi gravada pelo sr. Thronsen, gravador da casa da moeda norueguesa.

* *

Um homem artificial Um allemão quiz se divertir, ultimamente, e compoz um *androide*, um automato mechanico, feito de rodas, capaz de variadas fórmulas de actividade, que anda, escreve, corre de bicycletta. Não lhe falta sinão ouvir e falar. Este *androide*, fabricado pelo sr. Frederick Ireland, é chamado *Enigmarelle*; tem 1 metro e 80 centímetros de estatura e encerra 305 peças e 7 motores, com 40 accumuladores de 84 volts para accionar os movimentos. O sr. Ireland não achou nada de melhor, para manter *Enigmarelle* em equilibrio, do que um aparelho analogo aos canaes se-

mi-circulares da orelha, que são, no nosso corpo, os orgãos do sentido do espaço: tubos contendo mercurio, que varia com a posição do *androide*; dahi resultam estabelecimentos e rupturas de correntes electricas que, agindo nos cylindros, restabelecem o equilibrio ameaçado. Este dispositivo serve para regular os movimentos da marcha em particular. Um outro permite ao estranho aparelho escrever o seu nome numa louza, o que é extraordinario. Actualmente se está exhibindo com successo em Berlim. Mas a *Enigmarelle* nada tem de enigmatica: é simplesmente um aparelho de mechanica.



Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXI

No capitulos precedentes resumimos os principaes trabalhos legislativos que a Constituinte emprehendeu, iniciando e concluindo uns e abandonando outros nas pastas das commissões, ou sepultados no archivo. Do que resta evidentemente podemos aquilatar da elevação e cultura da nossa primeira Assembléa. Tudo ahi é, por assim dizer, acanhado e rudimentar. Não ha uma concepção lucida nem do governo, nem da administração do Estado e das necessidades moraes, intellectuaes e economicas da sociedade.

Por sua incapacidade, a Constituinte não só não conseguiu desempenhar as suas funcções legislativas, como se tornou quasi incompativel com o *poder imperial, orgão de sua convocação e seu creador*, segundo a phrase tantas vezes pronunciada no recinto dos representantes da nação.

E' uma Assembléa que não tem ordem nos seus labores. Nota-se logo, desde que se acompanha a marcha das sessões; por exemplo: apresenta-se um parecer para ser discutido. O primeiro que se levanta e o discute é o proprio relator; em seguida, os outros membros da commissão; por fim, outros oradores e todos approvando e justificando o parecer que ninguem criticou: assim, todo esse debate era ocioso e inutil; a perda do tempo, consequencia da falta de criterio e methodo, foi certa.

Um exemplo frisante temos na discussão do parecer da commissão, que tratou da questão do bergantim *Treze de Maio*, em que veio o marechal Luiz Paulino. Nesse acontecimento, a Camara esteve *abaixo da critica*; procedeu de modo inqualificavel, pela sua

ignorancia e pela carencia de circumspecção, como veremos quando tratarmos de tal assumpto.

Depois da demissão do gabinete Andrada, a Constituinte se mostrou mais corajosa; perdeu o terror dos *espías seguros* e dos delatores mantidos pelo intendente geral da policia, segundo as portarias do ministro José Bonifacio. O novo gabinete, cheio de moderação e bom senso, sem a insania das perseguições e devassas, procurou imprimir alguma ordem na direcção dos trabalhos legislativos, mórmente na lei fundamental, cuja demora compromettia a Camara e começava a impacientar e preoccupar a opinião. Já havia desaparecido o funesto ministerio Andrada. E porque não se discutia a Constituição? Não a queriam dar? A nação seria illudida ainda desta vez?

Eis ahí a pergunta que uns faziam aos outros. Felizmente no dia 15 de setembro é submettido á discussão o projecto da lei suprema e organica do Estado, que affirmam fôra redigido quasi exclusivamente por Antonio Carlos. Os outros membros da commissão haviam apresentado algumas idéas, ou notas; porém, convieram em incubir a redacção ao illustre publicista e orador paulista, que se desempenhou da tarefa galhardamente.

Nas sessões anteriores a de 15 de setembro, se disputou largamente sobre o methodo a seguir na discussão, julgando-se inconveniente e absurdo observar-se as fórmulas do regimento, que prescreve:—1.^a, 2.^a e 3.^a discussões. Não seria um disparate pôr em deliberação a utilidade do projecto da Constituição, que era um dos principaes escopos da reunião da Assembléa?

A commissão apresentou um plano; Vergueiro, uma emenda, e outros deputados enviaram á meza diversas emendas que fôram regeitadas.

Não vale a pena perder tempo em apreciar esta discussão, por assim dizer, preparatoria; preferimos, como faziam os poetas antigos, entrar logo —*in medias res*.

O primeiro que tomou a palavra foi Gomide, representante de Minas Geraes e fez algumas observações sobre redacção, méra disputa de linguagem: si deveria escrever *projecto da Constituição* para o Imperio do Brazil e não *DE* Constituição. Resolvida esta duvida, passou-se á leitura do preambulo, que continha estas idéas: «A Assembléa Geral Constituinte e Legislativa do Imperio do Brazil, depois de ter implorado religiosamente os auxilios da Sabedoria Divina, conformando-se aos principios de justiça e de utilidade geral, decreta a seguinte Constituição.»

Travou-se renhido, confuso e futi-

lissimo debate, que gastou tempo improficuamente; tomaram parte na disputa, os deputados Maia, Muniz Tavares, França, Silva Lisbôa, Montezuma, Araujo Lima, Costa Barros, Costa Aguiar, Peçeira da Cunha, Vergueiro.

O ponto debatido foi a invocação da *sabedoria divina e utilidade geral*. Queriam uns que se empregasse a phrase *Ente Supremo* ou as *Trez Pessoas da SS. Trindade*; outros entendiam que a invocação deveria se accordar á doutrina da igreja catholica romana, na qual acreditava o povo brasileiro. Nesse longo certamen theologico, de lado a lado se disseram coisas frivolas e algumas judiciosas. Tres dos discursos proferidos se distinguem dos outros; isto é, o de Araujo Lima (marquez de Olinda) conciso, substancial, sem pretensão, restricto á materia e logico; o de Montezuma lucido pelo vigor da refutação; o de Silva Lisbôa, que não é nem uma dissertação juridica ou theologica, nem uma peça de eloquencia politica. E' um mixto de tudo. No correr destes estudos, se nos deparará occasião de traçar a physionomia desse orador, que converte o recinto do Parlamento em forum judiciario. Silva Lisbôa não combate o preambulo; apresenta emenda, ou antes um additamento, isto é, «em nome da *Santissima Trindade*» ás palavras do preambulo. Pelo tom e pela orientação logo se vê que em Silva Lisbôa ha dois entes; um velho—*laudator temporis acti*; um jurisperito que discorre com intemperança e fala —*de omni re scibili et inscibili*. Elle ha de nos ministrar frequentes oportunidades de contemplal-o. explanando os textos das leis romanas de envolta com as theorias de Adam Smith e com a *SUMMA* de S. Thomaz de Aquino. Elle tem gestos e ares que não o deixam passar despercebido no meio da maioria das mediocridades da Assembléa de 1823. Discutindo o preambulo da Constituição, negou haver a commissão, de joelhos, invocado as luzes da sabedoria deante do altar e, para pintar ao vivo o acto da invocação, o velho deputado bahiano, orando, *se ajoelhou*. . . A Camara ficou diversamente impressionada e, no correr da mesma sessão, o deputado Costa Barros alludiu a esta genuflexão com manifesta ironia. A scena representada era uma das reminiscencias da memoria do ancião professor de Coimbra, onde ensinou theologia. Muitos dos espectadores não comprehenderam a intenção do *artista*. Os oradores são tambem comediantes a seu modo: Demosthenes e Cicero, Hortensio e Julio Cesar o fôram na antiguidade e, nos tempos modernos, lord Chatam, que augmentava a eloquencia de sua palavra, com as flanelas e com o movimento das

muletas, quando, erguendo-se enfermo do leito, comparecia na Camara dos Pares de Inglaterra e trovejava contra a politica de lord North, concernente aos Estados-Unidos, politica imposta ao ministro pelo rei Jorge III e da qual resulta a separação da colonia inglesa transformando-se em nação independente.

Um acontecimento importante — a chegada do bergantim *Treze de Maio*, conduzindo o marechal Luiz Paulino, interrompeu o andamento do projecto encetado na sessão de 15. A Assembléa julgou de mais importancia e urgencia se occupar com o bergantim portuguez *Treze de Maio*, e lhe consagrou, inteira, a sessão de 10 de setembro.

O marechal Luiz Paulino, enviado pelo governo de Lisbôa, passou na Bahia com ordens para o general Madeira suspender a lucta das armas e, já não o encontrando, veio ao Rio, onde tinha de se reunir a outros emissarios e apresentarem certas e determinadas proposições ao governo brasileiro.

D. Pedro, comprehendendo que qualquer conferencia com os emissarios de Portugal, naturalmente levantaria suspeitas odiosas, augmentaria as desconfianças provocadas no tempo do ministerio de José Bonifacio, teve a prudencia e tino de recuzar toda e qualquer communicação com o enviado sem prévia declaração de se mostrar competentemente auctorizado a reconhecer a Independencia do Imperio do Brazil. Levou o seu zelo a mandar considerar preza de guerra o navio, e não permittir siquer o desembarque do marechal, doente, quasi moribundo, e que de feito poucos dias depois falleceu.

Esse factor, logo que se divulgou, poz em alvoroço os oradores da Assembléa. Na sessão de 9 de outubro, leu-se a communicação feita pelo ministro da marinha, Luiz da Cunha Moreira. Alguns deputados, reputando um acontecimento gravissimo, estranharam que o Governo Imperial já não tivesse exposto á Camara todas as circumstancias delle. Travou-se prolongado e ardoroso debate, em que uns representantes mostraram a mais viva solicitude pelo interesse do bem publico: falava o patriotismo. Outros, porém, prevalecendo-se da conjunctura, suscitaram suspeitas que naturalmente avivaram as desconfianças antigas; faziam explodir os ressentimentos de seus despeitos e paixões mal dissimuladas. Tomaram parte no debate Carneiro da Cunha, Carneiro, Muniz Tavares, José Bonifacio, Henriques de Rezende, Ribeiro de Andrada, Andrada Machado, França, Gomide, Rodrigues de Carvalho, Carvalho e Mello, Vergueiro, Pereira da

Cunha—quasi todos os intellectuaes da Camara.

A discussão foi intrincada, confusa, sempre agitada e absurda, provando, mais uma vez, a desordem que inutilizava o trabalho duma Camara inexperiente, sem methodo e orientação, sem idéas e sem systema de politica pratica e esclarecida.

Não cabe reproduzir, aqui, a integra dos discursos; apenas daremos a nota dos que merecem ligeira menção.

Vimos que o ministro da Marinha participou a vinda do bergatim — *Treze de Maio*, trazendo o marechal Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França; esse acto do ministro mostra que o Governo Imperial não tem intenções reservadas e occultas, deseja proceder de intelligencia com os representantes do povo. Compreendeu, com bastante criterio, que esse negocio a todos interessava; por consequente, poz de parte a questão de competencia ou de ingerencia de attribuições do Executivo, ao qual competia conhecer e decidir a questão. Pensou que era um desses casos em que a *harmonia* de deliberação e de acção é necessaria para a boa marcha da administração e obter com segurança resultados proficuos. Demais, d. Pedro, que observava as tendencias de certo grupo de representantes que desconfiavam da dedicação d'elle Imperador á causa brasileira, julgou de bom conselho resolver conjunctamente com a Constituinte o caso do bergatim. A despeito desta cautela e prudencia, a discussão apura querer a Camara arrogar-se a exclusiva competencia de tratar d'elle, segundo Antonio Carlos declarou, alto e bom som, olvidando as theorias da separação e a *ingerencia indebita dum poder, empolgando o outro*, theoria por elle mal comprehendida, embóra preconizada e sustentada com arrogancia magistral e soberbo entono, no tempo do ministerio de seu irmão, como já mostrámos nestas paginas. Levada pela temeridade e influxo de certos homens, não havia erro que a Constituinte não commettesse; todos os seus erros servirão, mais tarde, de motivos á sua dissolução e ruina, convencendo ao Imperador da inutilidade duma Assembléa inexperiente e incapaz e, ao mesmo tempo, que não passava dum obice ou trambolho.

Notaremos rapidamente certos topicos dos discursos proferidos, e cujos intuitos facilmente discriminam-se. Depois que Carneiro da Cunha fez ponderações sobre a gravidade do caso do bergatim portuguez e Carneiro, (deputado bahiano, parente do ministro do Imperio) disse que estava encarregado pelos ministros a fazer á Camara a comunicação verbal que seria seguida da official escripta, le-

vantou-se uma agitação em certas bancadas.

Muniz Tavares disse: «isto é o que se tem passado com Luiz Paulino; mas de Portugal as noticias que teem chegado, merecem mais attenção. Entretanto, é admiravel que o ministro da Marinha se limite a dizer que chegou uma embarcação com bandeira parlamentaria e que pediu mantimentos para 40 dias! Eu não sei como se entende isto.»

Carneiro da Cunha observa que só se deve permittir desembarque, si vem reconhecer a nossa Independencia; do contrario, não.

Estavam disparados os primeiros tiros e, de roldão, surgiram os combatentes, que deram ao debate um character que tornava suspeito e odioso o Governo Imperial, a despeito d'elle desejar trabalhar de harmonia com a Assembléa, dirigindo-lhe communicações quer verbaes, quer por officios. José Bonifacio é o primeiro que censura o officio do ministro; balbucia que pedir mantimentos indica que já tratou dalguma coisa (!) e officio nada diz. Exaggera a sua intolerancia a tal pouto que chega a dizer ao deputado bahiano Carneiro — que este não é órgão legitimo para participações do Governo á Assembléa. Ora, nada mais disparatado; de sorte que dum acto que indica a pressá que o Governo mostra em inteirar á Camara do acontecimento, enviando immediatamente a participação official e do legitimo uzo de seu direito que fez o deputado Carneiro, achou José Bonifacio materia para fazer increpações. Do facto de pedir mantimentos indúz que *já tratou dalguma coisa!* Certamente; mas pedir mantimentos não dá como consequencia, nem provavel, quanto mais necessaria, de haver tratado de assumpto politico a respeito da causa da nossa Independencia, que é a materia concreta do debate. Semelhante critica é uma futilidade. José Bonifacio assegura que *«em cartas particulares lhe dizem que se trata de negociar contra a nossa Independencia; portanto, cumpre que esta Assembléa esteja com os olhos abertos e que não perca um momento, porque as circumstancias são criticas... A nação está ameaçada dentro e fóra; nada de demoras.»*

Nós veremos mais tarde que curteza de vista.

Está clarissima a perfida insinuação. Quem negociaria com o governo portuguez? Ou o governo brasileiro imperial ou a Assembléa; ora, não sendo a Assembléa, será o Imperador, portuguez e filho de el-rei, e com interesse de herdeiro dos dois reinos.

Debalde, Henriques de Rezende tentou explicar os factos e justificar o

ministro da Marinha. Sáe-lhe ao encontro Ribeiro de Andrada, ex-ministro e irmão de José Bonifacio, imaginando hypotheses; entre estas diz: que talvez o emissario de Lisboa viesse render o general Madeira. Ora dizer isso era dizer uma tolice, porque o general Madeira havia retirado ou fugido, e a guerra estava acabada.

«Emfim seja o que fôr, continúa o orador, porque não se participa a Assembléa e nos deixam em jejum?»

E' já bastante para semear a siziação no espirito publico e avigorar a desconfiança no tocante a d. Pedro, que não deixou de sentir esses golpes e ter novos aggravos da Constituinte, que assim o tratava, expondo-o ao odio da nação.

Faltava, da *trindade andradina*, entrar na liça Antonio Carlos, o qual começou a falar do seguinte modo: «Eu requeiro desde já que nada se trate por via desse traídor, desse brasileiro degenerado, desse infame, que não merece ser recebido entre nós. Exijo que se diga ao Governo mui claramente que nos communique quaes são as suas mensagens *para nós o auctorizarmos* sobre a resposta que deve dar; *isto pertence-nos. Hade ouvir a vontade da nação e executal-a.* Isto é o que devia ter feito o ministro dos negocios estrangeiros; mas Deus sabe como *lhe atão as mãos. Já me consta que o chefe da nação tem tido communicações particulares...*»

Notemos que o metaphysico da diversão dos poderes, o adversario implacavel das *ingerencias* dum poder nas attribuições do outro — quer *AUCTORISAR* o poder executivo a fazer o que é de sua attribuição!!!...

Mas quem *atava as mãos* ao ministro, sinão o Imperador, que já teve *communicações* com o infame emissario de el-rei? Lançadas estas duas mortiferas insinuações, o orador paulista, como vulgarmente se diz, fazendo o papel de morcego, após ter mordido, quiz assoprar, dizendo: *o sr. d. Pedro é o chefe da nação brasileira... ha de morrer conosco... nenhum rei estrangeiro nos ha de dar leis...*

E' um traço afinal da requintada malignidade: exaggerou vivamente os tramas traçoeiros e apontou — *ecce homo.*

Sem duvida, o Imperador não deixou de recolher mais uma prova dos perigos a que o expunha a discussão da Constituinte.

Antonio Carlos, quando o irmão era ministro, não tolerava que se perguntasse ou requeresse alguma coisa ao Governo—*quantum mutatus ab illo!* Agóra, até a prerogativa do poder soberano, exclama, é nossa, nos pertence! As sensações, mais do que a razão, dominam-lhe o cerebro.

Voltando de novo á tribuna, elle

denuncia á Camara e ao paiz «que consta das cartas que recebeu «que o conde de Palmella trabalha com muita actividade para metter a Santa Alliança na questão entre o Brazil e Portugal; isto pelo celeberrimo principio de legitimidade, que os senhores reis da Europa querem estabelecer a todo custo. *Isto não me assusta muito*, porque os interesses da Inglaterra pedem que as outras potencias não tomem parte nestes negocios d'America.»

Antonio Carlos faz que se duvide do seu criterio: ora, si elle não se assusta com os poderosos monarchas da Santa Alliança, como tem levantado pavoroso alarido sómente por causa do insignificante bergantim — *Treze de Maio!*!

Os outros oradores falaram mais ou menos nesse sentido, com certa moderação, sem allusões perfidas e ferinas ao Imperador. Discorreram sobre a gravidade do facto, esperando, todavia, que o Governo saberia resolver a questão no interesse e honra da nação, que queria manter illisa a sua Independencia.

A pessoa do marechal Luiz Paulino foi atada ao pelourinho e surrada barbara e impiedosamente.

Antonio Carlos, na effervescencia das sensações que o assoberbavam; na exaltação indignada do seu acrisolado patriotismo, auxiliado pelas mediocridades da maioria da Constituinte, cobriu o brasileiro — *traidor, degenerado e infame* — de baldões e vilipendios. Não houve stygma de deshonra que lhe não gravasse na fronte aviltada.

Nas coisas dos sentimentos humanos, releva, porém, julgar os actos com justiça e razão, ao contrario da cegueira das nossas coleras sómente.

O marechal era brasileiro, mas, desde a infancia, foi para Portugal, onde se educou, serviu e fez carreira no exercito. Seus ascendentes todos portuguezes; sua educação, (que reveste o homem como que duma segunda natureza) inteiramente portugueza; os sentimentos, idéas e crenças, que nutriram o seu espirito, eram as correntes sob o regimen da velha monarchia. Aquelle soldado, sob o influxo dos MEIOS cosmologico e social, pela lei sociologica da hereditariedade, tinha aferro á monarchia no tempo em que o Brazil e Portugal se identificavam e formavam uma só nação.

Quando sôu a hora da Independencia, elle, ausente do Brazil, não sentiu o mesmo fogo de patriotismo abraçar-lhe o saugue, como queimou o de Antonio Carlos e dos outros brasileiros, que permaneceram no torrão natal.

Não era dado a Luiz Paulino romper os liames de hereditariedade e das

outras condições em que se achava em Portugal. Naquelle tempo, elle era portuguez, como eram todos os nascidos na colonia. Era cidadão da mesma patria. Que importa que um sophista, como Antonio Carlos, queira desvirtuar a natureza humana? Luiz Paulino, si não era portuguez por nascimento, foi por outras razões poderosissimas que a vontade humana nem sempre pôde vencer.

E', sem duvida, um triste e asqueroso espectáculo ver os Corolianos, os renegados, como os Calabar e os Vasconcellos, em Portugal, sob a dominação de Hespanha.

Póde-se nascer num paiz, ausentarse d'elle e não conhecê-lo nem amal-o. O que cria o amor á patria é viver no seu sólo; ter ali passado da infancia, em que tudo é sorriso, á juventude, em que tudo é amor e alegria; á idade viril, em que as virtudes civicas engrandecem a alma; á idade madura, em que todas as reminiscencias nos encham dessa saudade, gosto amargo de infelizes:

Saudade! gosto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho
«Que me está repassando o intimo peito
Com dôr, que os seios d'alma dilacera,
— Mas dôr que tem prazeres — ...»

O marechal Luiz Paulino jámais gozou, na Bahia, sua terra natal, a suprema felicidade da existencia; e, si a tivesse tido, amaria, adoraria o sólo querido, cujo amor um poeta bahiano exprime em melodiosas estrophes:

«A patria.....
O que ha de mais charo ao coração humano;
Por ella.....
Geme o plumeo cantor em doces trinos
Entre os arames, que gozal-a o privam;
E tanto, ás vezes, se lhe azéda a magua,
E sem poder soffrel-a a vida perde:
Até o marmore, emfim, duro, insensivel,
Bem que, em soberbos ostentosos tectos,
Os primores subtis blasona d'arte,
Como que alli — mudo, insensivel —
A ausencia chora
Da amada rocha, de que foi lascado, ...»

O brasileiro degenerado teria o coração mais duro que o marmore?

Lembro-me de haver lido, na historia da litteratura allemã, que os grandes espiritos como Heder, Goethe e outros confessavam que não comprehendiam o sentimento do patriotismo; mas o diziam antes da invasão franceza.

O marechal descende duma familia da antiga nobreza de Portugal; seus paes habitavam em suas propriedades agricolas do Reconcavo, na Bahia, no engenho Quitangál, municipio da cidade de S. Amaro, onde nascera o marechal.

Dá-se com esta familia uma singu-

laridade: os filhos nascidos em Lisbôa, vindo ao Brazil, adoptaram a causa da Independencia e alguns serviram no exercito brasileiro, como o marechal Luiz da França, que gozou de extrema popularidade na Bahia; como o brigadeiro Garcez Pinto, que foi benemerito da Independencia. Ao contrario, os filhos nascidos no Brazil, tomaram o partido de Portugal, onde serviram, onde ficaram, como o marechal Luiz Paulino, objecto do presente debate parlamentar. Dessa mesma familia, procede a dos condes da Fonte-Nova, segundo outr'óra li.

Emfim, cessou o supplicio do marechal, quando se ouviram as seguintes palavras do deputado Pereira da Cunha: «Estamos a gastar tempo inutilmente: o homem é máu; não merece a nossa consideração; mas não é esse agóra o nosso objecto. O ponto da questão redúz-se a saber si devemos esperar a participação do Governo ou pedir-lhe as noções que desejamos.»

O presidente propoz que se deveria officiar ao Governo para ministrar as informações concernentes ao bergantim *Treze de Maio*; a Camara decidiu que sim (1).

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) *Diario da Camara*, tomo V, sessão de 9 de setembro.

RECEBEMOS:

«Pela sinceridade governamental e a liberdade espirital: a restauração dos símbolos teológicos nos estabelecimentos do Estado; a propósito das ezéquias officiães em commemoração das vítimas da catástrofe do *Aquidaban*; publicação do Apostolado Positivista, por R. Teixeira Mendes.

— *L'exécution* du testament de notre Maître» pelo mesmo auctor; «Indice alfabético das matérias contidas nos *Boletins* em portuguez do Apostolado Positivista» (1897-1905.)

— *Revista Escolar*, do Instituto de Humanidades, dirigida pelo professor Joaquim da Costa Nogueira, na capital do Ceará.

A *Revista* contém trabalhos escolares de sciencia e litteratura que marcam com muito realce o methodo de ensino e os felizes resultados daquelle instituto de educação.

*

— Já reapareceu o *Unitario*, do Ceará, o inflexivel órgão da opposição, empastelado em janeiro, nos termos da nossa local inserta no num. 68, anno III, dos *Annaes*. Reappareceu brilhantemente, com todo o vigor da pennaz do sr. João Brígido, um jornalista provinciano que consegue dar aos seus artigos politicos o ponto de os fazer interessantes e agradaveis mesmo fóra do Ceará e mesmo quando tratam da politica de costa d'Africa que é a desse Estado.

O sr. João Brígido é quasi octogenario, e nem por isso o seu espirito deixa de ser um dos mais combativos e frequentes no exame de assumptos de toda a ordem. Nós disso podemos dar immediato testemunho; nós e os nossos leitores, os quaes muito distinctamente querem á excellente collaboração que elle nos tem dado.

O CLERICALISMO NO BRAZIL

A EGREJA E A ESCOLA

Entre os variados aspectos que apresenta a avassaladora clericalização da Republica, nenhum nos parece mais digno de reparo e mais prenunciador de terríveis calamidades do que o que ahí se nos offerece no ensino da mocidade.

Os nossos homens de governo disso não cogitam; os da imprensa não lhe dedicam atenção, nem enxergam nelle motivo para intervenção urgente. Por outro lado, sem ponderar as consequências, os paes cedem á *moda* ou á *inspiração*, que pobres damas ingenuas vão beber nas sacristias e no seio de perigosas congregações beatas. E assim, a pouco e pouco, se váe affeiçoando o ensino a certa maneira catholico-romana, entregue á orientação fradesca e congreganista, ministrado em dezenas de collegios, dos quaes, uns — os equiparados — estão apenas sujeitos a problemática fiscalização, e outros, a maioria, funcionam ao bel-prazer de um professorado tão clerical quão pouco brasileiro. Ha quem pretenda que isso não pôde causar damno á Republica, nem influir na formação do espirito nacional, confiando assim no indifferentismo do nosso povo por tudo que pareça disciplina religiosa. Esses são máus observadores. Não percebem que o falado *indifferentismo* já váe desaparecendo, sob a habil pressão do beatismo importado, da acção das famosas «associações leigas», da propaganda tenaz mantida por todas as fórmulas, a soldo de capitaes europeus, que encontraram ultimamente, no Brazil, vantajoso mercado de exploração religiosa. E não teria tamanha importancia essa manifestação do clericalismo no ensino e na educação, si, de facto, não traduzisse um phenomeno, entre muitas, de certo estado da *alma popular* brasileira, mais ou menos indisposta com a vigente Republica e com seus principios institucionaes.

Só não sente esse facto quem não quer ser observador sincero e imparcial. A reacção religiosa, (*mais ou menos ligada a uma latente reacção monarchica*) — não só se patenteia no ensino. Já subiu ás camadas superiores da sociedade; penetrou os recessos da pu-

blica administração, que despejadamente se confessa, a cada passo, catholico-apostolico-romana, agindo, por suggestão de poder, sobre as camadas inferiores, que procedem por imitação inconsciente.

No final das contas, como se pôde exigir de um pobre homem do povo a comprehensão da Republica leiga, quando se vêem os homens que o governam dando repetidos exemplos de genuflexão ás cerimoniaes de uma certa religião, tratando de egual para egual com seus representantes, acceitando delles honrarias e titulos beatos, tolerando as imagens desse mesmo culto em recintos destinados ao exercicio de funcções publicas?!

Juntem-se os actos bem conhecidos, com que os próceres e magnatas da Republica manifestam sua adhesão e seu apoio official ao catholicismo, com a constante e esportissima propaganda dos clericos nossos e estrangeiros — e resultará, clara e nitida, a explicação de certas praticas populares que ainda hoje denunciam fervoroso apego aos principios da antiga religião do Estado.

Não é de admirar que, em certos logares do interior, só se realizem casamentos pelo *religioso*, quando se sabe que aqui, neste centro de vida intellectual e governamental, a missa é cerimonia obrigatoria e propiciatoria para algumas solemnidades da Republica; os dias santos são guardados por innumerados funcionarios do Executivo e pela maioria dos juizes; os grandes da terra se orgulham com as benções papaes; os homens mais cultos preferem para a educação dos seus filhos os collegios de frades e outros semelhantes, que lhes são recomendados por bispos e vigarios, cedendo estes, por sua vez, a recommendações vindas do estrangeiro!...

E, em verdade, só este ultimo aspecto da questão nos apavora, por emquanto. A representação diplomatica no Vaticano, o Christo no Jury, o absurdo beatismo official não encerram o perigo que vem no bojo desse ensino de seminario mais ou menos disfarçado. Só pôde permanecer sem receio e sem apprehensões, deante do que se está passando, quem não conheça a orientação da Igreja ácerca do assumpto e não se recorde do que

tem havido em outros paizes, bem mais preparados do que o nosso para a lucta pela liberdade intellectual.

Geralmente se suppõe que a Igreja moderna acceita o que ella chama os «principios de seculo»; que ella acompanha, em materia de educação, as theorias e normas da Sciencia; que ella, finalmente, reconhece ao Estado o direito de ensinar, sómente querendo a liberdade para a manifestação das suas idéas e das suas crenças. Si assim fôsse, não haveria grande mal no estabelecimento de casas de ensino catholico. Mas, verdade é que os modernos doutores da Igreja não acceitam, absolutamente, os principios soberanos da Democracia, nem attribuem ao Estado a qualidade de educador. Apenas toleram a situação actual como um periodo de *transigencia forçada*, dentro do qual a «Mestra dos Povos» se deve preparar para a definitiva *conquista das almas*. E é com este espirito que se vem implantar, entre nós, o ensino clerical. Foi elle, como veremos, que tornou impossivel, em outros paizes, a tolerancia imprudentemente mantida para com as congregações docentes.

EVARISTO DE MORAES.

A LIVRARIA

«SÊ BEMDITA!» POR ALMACHIO DINIZ. — BAHIA

Antes de me haver chegado ás mãos este opusculo do conhecido litterato bahiano, li algumas criticas que lhe fôram feitas por aqui, muito desfavoráveis ao seu trabalho.

Teria toda bôa vontade em poder dizer justamente o contrario ao dar conta da impressão que recebi dessas paginas por minha vez.

Eu não mantenho preconceito em favor nem contra escola litteraria nenhuma. Aconteceu, no entanto, que, no momento em que comecei a apparecer aqui no Rio, os decadentes e os symbolistas estavam na sua hora.

Verlaine, morto, influia muito mais do que em vida nas ladainhas e badaladas (*blom! blom!*) dos poetas da moda em Portugal e no Brazil. Mallarmé servia para consagrar todas as obscuridades, todas as deficiencias e mesmo ás vezes todos os despropositos que á falta de talento, ou então á pouca idade, á inexperiencia na difficil arte é que na realidade se deviam attribuir.

Ibsen e Maeterlinck pontificavam no altar-mór do symbolismo, attraíndo mais poderosamente para os seus horizontes aquelles dentre nós inclinados a um sonho mais largo, mais poderoso e mais humano.

Eu não fui estrauho principalmente á influencia destes ultimos, e a minha íntima convivencia com Cruz e Souza, mais velho do que eu, fez com que me considerassem seu discipulo, o que até certo ponto não deixa de ter fundamento. Devo ao nosso poeta negro, como já tive occasião de dizer, o estímulo que talvez se tornou decisivo na minha vida litteraria e a influencia da athmosphera moral que era propria áquelle heroico sonhador, isso nas suas linhas geraes.

Sê bendita! é um producto de arte symbolista e nephelibata, uma repercussão no norte do movimento que no sul e aqui na Capital váe amortecendo de vez. Por conseguinte, não ha razões para que se possa julgar que eu lhe seja systematicamente hostil, como se diz que o são os chamados *velhos*.

Devo declarar, porém, que não gostei nada daquelle trabalho. São paginas difficeis de ler, não só pelo alcançador e retorcido da fórmula, como pela mal disfarçada pobreza de concepção.

O sr. Almachio Diniz pôde ser um homem de merecimento, — não duvido, — mas nesta obrinha mostra não ter imaginação creadora e dá prova de muito máu gosto litterario.

* *

«SÓL» — FLÉXA RIBEIRO.
—LIVRARIA CLASSICA, DE
LISBÔA. — 1906.

Uma qualidade não se pôde negar ao sr. Fléxa Ribeiro: é a de *virtuose*, indispensavel até certo ponto a todo artista. Ella é um resultado da imaginação facil e prompta, de que se preciza na poesia como nas outras artes, para vencer as difficuldades da execução.

A rima, o metro e todas as demais condições que uma bem entendida convenção poetica estabelece, em vez de serem um mal para o verdadeiro artista, são antes o *sine qua non* da sua obra, porque lhe servem de poderoso estímulo á imaginação.

Tendo de produzir o seu pensamento dentro dos limites que a arte lhe impõe, de caminhar como quem váe livre, tilintando-lhe, emtanto, aos braços as algemas da convenção, elle ha de exercitar forçosamente o cerebro á procura de saídas airozas, de soluções felizes.

Si na verdade é uma natureza para o caso, admirar-se-á de si mesmo, surprehendido com uma colheita imprevista, que só o ineluctavel lhe poderia proporcionar.

Vê-se, desde as primeiras partes deste livro de versos, que o sr. Fléxa Ribeiro trabalha com certa facilidade, que as suas rimas attraem seductoramente outras rimas e o seu verso outro verso completativo. Não é abundante, muito menos torrencial, mas é sufficiente, tem naturalidade e graça.

Não bastam, no emtanto, estas qualidades para formar um poeta. E' mais essencial termos o que dizer do que sabermos dizer o que ainda não se pensou. Sem vida propria, não ha ninguém verdadeiramente interessante. Sobre isso, ainda é preciso que essa vida se desenhe bem nitida em nossa imaginação, que possamos nos dar conta della de um modo claro e preciso para que haja possibilidade de transmittirmos aos outros uma impressão viva de nós mesmos.

Nota-se nas primeiras partes do *Sól* que o caso do sr. Fléxa Ribeiro é daquelles em que o *virtuose* se desenvolve antes do poeta propriamente dito. Parece que houve mais leitura do que vida interior, mais curiosidade litteraria do que estudo de si proprio, e mesmo do que assento, do que seriedade mental na phase a que o distincto estréante deve a recolta das trovas que figuram até mais de meio do seu livro.

Demais, parece, — e isso até ao fim, — que o poeta não é dos compositores mais exigentes consigo mesmos. Dispondo de uma facil imaginação, váe accitando — supponho, — o que primeiro lhe vem á penna sem verificar si isso corresponde exactamente ao que pretendia dizer. Afigura-se-me isso, porque é rara aquella de suas produções cujo pensamento esteja clara e perfeitamente exposto do começo ao fim.

A ultima parte do livro é a melhor. Já se nota nella o esboço de uma individualidade, é pena que mais doentia, mais desolada, sinão desillusionada do que seria para desejar.

Os versos do sr. Fléxa Ribeiro são geralmente bem feitos e modernos; sente-se a influencia de portuguezes e talvez de um ou dois brasileiros dos ultimos tempos, sem que, no emtanto, se possa reconhecer nelles traço de imitação servil.

Não tem esse traço, mas por outro lado ainda lhes falta um pouco de caracteristico proprio, esse *quê* inconfundivel, determinante do talento provado.

* *

«PELO NORTE» — POR GUSTAVO SANTIAGO—LAEMMERT & COMP.—RIO DE JANEIRO.

Perpassam-se com prazer estas trinta paginas que Gustavo Santiago nos oferece depois de havel-as lido na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Para quem conhece o poeta, nada mais natural do que esta sua apologia das terras do norte, após uma viagem em que por toda parte foi recebido carinhosamente, como era de esperar. Elle não sabe proceder sinão com extremos, principalmente quando teulha de agir em correspondencia a um movimento fidalgo da parte de outrem.

O que é curioso é que tenha sido escolhido o salão da Sociedade de Geographia para esse fim, não só porque quasi nada ha de geographico naquelle trabalho, como pelo que se sabe dos antecedentes do sympathico conferencista.

Gustavo era um *novo* ás direitas, ainda ha pouco, e a prestigiosa associação em que elle se fez ouvir, com a presença da directoria e em plena sessão, é das mais vetustas que possamos ter; por conseguinte, ninho de *velhos*, essencialmente *amedalhada e conselheiresca*, antipoda dos representantes da ultima hora, talvez se dissesse melhor: dos representantes da hora que está para vir.

Este passo, dado conscientemente, significa que o nosso valioso Santiago já se reconhece em outra phase da existencia.

Isso se vê, aliás, implicitamente, no modo por que está feita a propria conferencia, que é leve e brilhante, mas vasada dentro de moldes normaes, sem extravagancias de *novo*, a não serem certos preciosismos e singularidades na construcção, e esses mesmos, relativamente, já muito raros.

E' o caso de dar parabens aos *velhos* por esta conversão symptomatica.

NUNES VIDAL.

A NOSSA SITUAÇÃO MILITAR

Desçamos a escola hierarchia e tomemos em um só monte a numerosa classe immediatamente inferior — a dos officiaes superiores, principalmente os coroneis e tenentes-coroneis, aos quaes compete o commando dos corpos e outras chefias.

Para a satisfação do modesto fim que nos guia nesta analyse, e que, de nenhum modo, reveste caracter de desconsiderações pessoaes — basta apreciar os chefes em segundo, e com os quaes mais de perto e assiduamente lidamos, de fórmula geral, englobadamente, salientando um ou outro episodio particularisado, ou não, para definir o gráu de sua capacidade e aptidão technico-profissional.

Com verdadeiro pezar, confessamos que a grande maioria segue com escrupuloso cuidado e attenção os exemplos máus dos que pairam nas regiões

mais elevadas, e talvez até — muitos delles mais requintados sejam em revelar aos seus commandados o absoluto desconhecimento e criminoso desprezo que lhes merecem os assumptos proprios da profissão.

Não ha causas extraordinarias para determinar esse procedimento mais apurado; ao contrario, tudo é naturalmente explicado pela menor latitude da sua responsabilidade induzindo o menor constrangimento em patentear aos olhos dos outros a incapacidade, indolencia ou desamor pela vida militar que caracteriza a cada um.

Os nossos commandantes! Que fazem elles no seu tirocinio arregimentado, justificando a utilidade de sua acção permanente e indispensavel?

A quasi totalidade — escuza dizer que se apontam excepções merecedoras do nosso apreço — individualiza a sua inferencia e direcção por consequencias completamente improduttivas ou nullas.

O bom commandante de corpo, o commandante *modelo* — na extensão mais ampla da applicação desse qualificativo, entre nós — visita diariamente os alojamentos das praças; váe ao rancho e prova a *boia*; á cosinha; ás reservadas, para verificar o estado de *asseio* ou *desasseio* em que se encontram. Nunca falta ao quartel ás horas do expediente, iniciado entre 11 horas da manhã e meio dia; preoccupa-se muito com a sua banda de musica, obrigando-a a repetidos ensaios e retretas; manda soprar muita corneta ou clarim e rufar muito tambor, de manhã, de tarde, de noite, a toda hora, emfim.

Além dessa extrema actividade toda *tarimbeira*, ou como melhor a denominem — veem a outra parte importante da sua afanosa vida — a preoccupação puramente burocratica — cujo principal estalão de medida é o numero de officiaes annualmente expedidos ás diversas auctoridades que o cercam.

E' este um ponto de alcance transcendental — e até já entrou em nossos habitos officiaes — indicar a actividade e a somma de trabalhos realizados, por um corpo ou repartição, pelo numero de officiaes expedidos.

Assim, commandante ou chefe que se preza preciza, pelo menos, inventar diariamente uma duzia de assumptos para officios, embóra á custa de *desdobramentos*, de maneira que ao encerrar o anno possa contal-os na casa

dos milhares. E atráz dos officiaes véem na mesma profusão as partes, as relações diversas, os requerimentos, uma infinidade, emfim, de papeis inuteis, cujo desapparecimento, de dois terços pelo menos, marcaria accentuado progresso administrativo, com um grande beneficio para as preoccupações peculiares ao preparo profissional.

Após essa tempestade quotidiana de papelorio improduttivo, segue-se a facura da ordem do dia e redacção das ordens para o detalhe do serviço diario, apregoadado na casa da ordem pelo major fiscal.

Entre 2 e 2 e meia horas da tarde, —terminada essa ultima parte do espectáculo— o commandante se atira em caminho de casa, para repouzar das fadigas de um dia cheio — satisfeito com a sua consciencia, convencido de ter cumprido escrupulosamente as suas obrigações.

Ora, cumpre confessar que, como *dona de casa* e burocrata, não está elle, realmente, muito longe da perfeição.

Mas como a vida de um batalhão ou regimento não se limita a tão secundario aspecto, pois é fóra de duvida que todos esses *affazeres* constituem a sua parte menos importante, comprehendida como deve ser, convindo attender com mais solicitude ao preparo do soldado para a guerra, segue-se que um tal regimen é totalmente improficuo e assim nenhum resultado real e affectivo dará nas occasiões necessarias.

Ao que nos conste, jámais os commandantes occuparam as horas de trabalho em reuuir os seus officiaes para lhes ensinar ou discutir questões da sua profissão — geraes ou particularizadas a factos passados em exercicios. Officiaes e praças, afóra os serviços fatigantes de guardas, fachinas e coisas semelhantes, muito raramente são chamados a exercitarem a sua actividade nos mistéres principaes da sua carreira.

A instrucção tecnico-profissional sujeita á sua alçada, e pelas quaes são responsaveis, corre a completa revelia. E nem a sua attenção poderia voltar-se para isso, tal o alheamento em que vivem das suas necessidades primordias.

Commandantes existem que nem ao

menos conhecem por inteiro as *curriqueiras* manobras da sua unidade em ordem unida; e estas mesmo, quando sabidas dormindo — são repetidas como menino decorador repete a taboada na aula primaria. Por isso, nenhuma ligação estabelecem elles entre as manobras e as necessidades tacticas que as determinam, e antes as attribnem a simples arranjos de effeito. Dahi é natural que jámais vejamos commandantes proporem e criticarem o emprego de uma tal ou qual manobra, a sua simplificação ou eliminacção, pois a tanto não lhes permite engenho e arte.

Ora, concebido desta maneira, o papel do commandante torna-se de importancia muito somenos e não exige muitos annos de permanencia nos postos inferiores, nem tanto tirocinio: qualquer alferes menos novo poderia desempenhal-o com egual proficiencia.

Affiguram-se mais commandantes de simples guardas nocturnas, pois já não se pódem citar os corpos policiaes porque alguns trataram de inverter os seus papeis com a introducção de instructores estrangeiros.

Estaremos, por acaso, condemnados a mudar os nossos destinos? Reservar-nos-á o futuro o policiamento das ruas?

TENENTE MAX.

Vendem-se collecções dos « Annaes » ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro e segundo semestres de 1905.

OLHOS DO CÉO

Só eu conheço a languida ternura
De um triste olhar de lumes concentrados;
Só eu conheço ao vel-o a noite escura
De extrenuos corações apaixonados.

Essa dos olhos verdes engraçados,
De lindo porte, esplendida figura,
Que minh'alma tantalica procura,
Só veio á luz por mal dos meus peccados.

Olháe-me, ó virgem santa, si o entenderdes;
Quero enlevar-me aos limpidos fulgores
Da luz divina desses olhos verdes.

Visão dos templos, coração das flores,
Fitáe-me rindo, si fallaz quizerdes,
Viver de sonhos e morrer de amores!...

IGNACIO RAPOSO.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Precauções contra a saccharina. — Sua acção sobre os órgãos digestivos e sobre os rins. — O prof. H. W. Wiley.

Experiencias feitas com pequena quantidade de saccharina, absolutamente pura, demonstraram que essa substancia retarda consideravelmente o processo digestivo da bocca do estomago e dos intestinos, sendo particularmente deletéria para os que sofrem de diabetes, aos quaes se prescrevia a saccharina como inoffensivo succedaneo do assucar, conforme a opinião do professor Plugge.

Em 1900, Bornstein, continuando as investigações de Plugge, demonstrou que a saccharina, impedindo a assimilação dos alimentos, diminuia a capacidade para o trabalho. Os doentes de diabetes queixam-se de que ella produz náuseas e lhes perturba a digestão. Isto confirma a opinião dos medicos da Saúde Publica em França, ha dezeseite annos contraria á substancia então chamada assucar de homilla.

Suscitou-se, ultimamente, a questão — ser ou não a saccharina um veneno. Muitos especialistas responderam pela negativa pelo facto de não terem observado na sua clientella casos de desastres e por terem observado, em experiencias sobre animaes, que os effeitos fataes sómente occorrem quando foi a saccharina administrada em fortes doses.

A saccharina não é um veneno violento, mas não deixa, por isso, de ser prejudicial e demandar cautelas no seu emprego. Em 1902, na cidade de Praga, uma familia inteira adoeceu e perdeu um dos seus membros pelo uzo immoderado daquella substancia. Na Allemanha, existe a *Susstoff Gesetz*, lei regulando o commercio de doces com prevenções sobre o emprego da saccharina, cuja venda em outros paizes está subordinada a severas prescripções.

O meio de experimentar os effeitos da saccharina é muito simples: basta collocar um peixe vivo em uma solução della; o animal manifesta immediatamente grande inquietação, muda de côr e perde o sentido da direcção na maneira de nadar. Em uma solução de assucar, não se observam esses phenomenos.

O professor H. W. Wiley, especialista no estudo de substancias empregadas para adoçar e conservar generos alimenticios, proscree o uzo da saccharina como de perniciosos effeitos sobre os rins.

A energia electrica. — Transmissão por meio de cabos submarinos. — As condições especiaes da America e, particularmente, do Brazil.

A transmissão da energia electrica está tomando extraordinario desenvolvimento e imprimirá uma verdadeira revolução na industria, principalmente nos paizes dotados como o nosso de abundantes e collossaes quédas d'agua.

Nesse particular, a Suecia e a Noruega se achavam em condições excepçoes para a utilização dessa força, precioso producto de que hoje se denomina a *hulha branca*.

A cidade de Lund váe aproveitar as quédas do Laga para o producção da electricidade, não sómente á propria cidade sinão a outras localidades do sul da Suecia. A exploração será feita por um syndicato dinamarquez.

O Laga nasce nas montanhas do Smaaland, atravessa a provincia do Aalland e deságua perto de Laholm, formando no seu curso grandes quédas — a Magefos, com mais de 8 metros de altura, e Katefos com 10 metros. O syndicato dinamarquez installará estações electricas junto de cada uma dessas cataractas, donde a força electrica será transmittida por meio de cabos a Helsingborg, na costa meridional da Suecia, dahi, por cabo submarino, através do Oersund, até á Dinamarca.

Esse methodo de transmissão de energia electrica pelos submarinos de um paiz a outro, constituirá um novo meio de desenvolvimento dessa industria moderna, ligando economicamente as diversas partes da Scandinavia.

A America se acha em condições especiaes para a mais vasta applicação da electricidade, produzida pelas maiores quédas d'agua conhecidas. O Niagara está fornecendo força em proporções collossaes e, num futuro não remoto, Paulo Affonso, Iguassú, as quédas do Uruguay e outras menos consideraveis da nossa incomparavel rede fluvial, serão outros tantos centros de propulsão da industria brazileira. A empresa do Ribeirão das Lages é o primeiro passo, já em proporções gigantescas, no sentido do fecundo aproveitamento dessas formidaveis forças naturaes.

* *

Deslocação dos pharões. — Milagres da engenharia. — Processo da remoção. Trabalhos identicos executados nos Estados Unidos.

O pharol de Wittenberg, perto de Hamburgo, foi edificado sobre arêa de alluvião que impunha a necessidade de frequentes trabalhos de dragagem, dispendiosos, dificeis e sempre insuffi-

cientes. Para dar-lhe permanente estabilidade foi necessario deslocal-o, recuando-o para uma dezena de metros mais ao sul, de maneira que se pudesse alargar de 142 a 200 metros o canal.

O deslocamento das grandes massas de construcção não eram uma novidade entre os impossiveis ao esforço da intelligencia humana. Trabalhos dessa ordem se effectuaram com grande successo na America do Norte, onde se removeram, com perfeita segurança, hotéis, edificios monumentaes, notadamente um templo, em Chicago, com uma torre de 80 pés de altura, sem perturbação do serviço divino. Mas no caso dos pharões, a empresa offerencia difficuldades especiaes, obstaculos formidaveis, como fôsem a consideravel altura e a base muito restricta, inconsistente, e a acção de continuo movimento do mar.

Era preciso não haver a menor interrupção nos signaes do pharol, como demandava a extraordinaria navegação daquelle sitio da costa e assegurar-lhe alicerces muito fortes na posição nova. Para proceder-se á escavação da nova collocação e á construcção dos alicerces de alvenaria, construiu-se com longarinas de ferro macisso um caminho em declive sobre o qual rolos de aço, duplamente emparelhados, deveriam, por um movimento methodicamente progressivo, fazer deslizar a torre do pharol na direcção do novo logar. Esse movimento se effectuou com o auxilio de um gancho movido á mão manobrando um cabo metalico, ao passo que um outro gancho servia para impedir os desvios da torre. Dois outros ganchos, com os cabos amarrados ao alto do pharol, impediam as oscillações.

O trabalho dessa deslocação durou 32 minutos. O peso do pharol era de cerca de 60 toneladas e a altura de 38 metros. O custo dessa empresa extraordinaria, realizada com absoluto successo, se elevou, sem a alvenaria e os andaimes, a 8.750 francos.

O ALMIRANTE (82)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXVII

Amelia empregava todos os seus fortes meios de inibição para affrontar aquelle lance cruel, mas não havia previsto que a irmã pudesse dissimular com tanta serenidade a repercussão de golpes ferinos, as insinuações mal veladas nas referencias a Sergio de Lima, a Dolores. Dar-se-ia que Hortencia se subordinasse, sem resistencia, ás inspirações maleficas da ambição? Seria possivel que tivesse

assumido a sua posição de esposa, renegando, como acontece na grande maioria dos casos, os castellos doirados da juventude, os sonhos nascidos do primeiro movimento do coração? Estaria ella plenamente satisfeita com a posição social, com os haveres conquistados naquella aventura, que houvesse fechado a alma ao remorso, ás recordações do doce passado de hontem?

Estas ogitações lhe occorriam desencadeiadas ao espirito turvado pelo abalo da decepção.

—Dizes bem, Amelia—acudiu Hortencia, confirmando as derradeiras palavras de Amelia — Dolores me sedúz, me encanta. O seu olhar meigo, a vóz suave e maviosa, as maneiras teem não sei que de espontaneo, de ingenuo que me attráe. Não é assim, Oscar? Chamem-lhe demonio, volúvel, indiscreta, o que quizerem; a mim me agrada immensamente aquelle tom de franqueza com que ella sabe dizer coisas que seriam asperezas nos labios de outra mulher.

—Concordo plenamente contigo, minha filha—interrompeu a marquezia — Aquella formosa creatura poderá ter muitos defeitos, que eu perdôo pelo bem que ella me faz quando está commigo, distraíndo-me, afugentando as recordações tristes que me perseguem. E' uma cabecinha de vento e um coração de ouro.

Amelia ouvia, hirta de despeito, a vóz sonora de Hortencia, aquella vóz avelludada e firme, a que a commoção sopitada imprimia um tremulo imperceptivel.

—Estimo muito — replicou ella, emittindo a custo as palavras — que estejam de accordo commigo em desprezarem as insinuações da maledicencia contra a pobre Dolores. Pelo que se diz, pelo que se murmura contra nós, estariamos todas condemnadas..

—Injustamente — completou o advogado Souza e Mello, assomando ao patamar.

—Que feliz surpresa—exclamou a marquezia!—Pregou-me um susto.

—Eu sou como o azar—continuou Souza e Mello — Não avizo, chego sempre sem ser esperado. E, como falavam em condemnação, assertei em accrescentar tratando-se de réos tão gentis, injustamente. Eu estava com esta visita ao nosso almirante engatilhada. Cheguei ao palacio, encontrei-o abandonado, dirigi-me sem hesitar para este sitio onde se concentram todas as alegrias da familia. Em baixo, ninguém; subi e cheguei opportunamente para addicionar o meu protesto de advogado e cavalheiro de tão gentis damas.

— O senhor está muito falante — observou a marquezia.

—Isto me acontece nos momentos de bom humor, como agóra. Eu estava ancioso para dar um abraço em Oscar, quando as suas costellas o permittissem pela excellente peça que elle pregou na fatalidade, ou, antes, no ministro da Marinha. Promoveram-no para reformal-o e abrir uma vaga nos quadros da armada, coisa que vinha a matar para a afilhagem do Governo, porque nestes tempos de paz octaviana, ou, antes, republicana, não morrem almirantes... Oscar parecia um official superior dado em consumo; fizeram-lhe a cortezia da promoção, com a vantagem da refórma. Eu, no caso de Oscar, agradeceria a primeira e recuzaria a segunda, pela razão evidente de não ter morrido, de estar rijo, são e muito capaz do serviço naval... Então, como váe? Completamente bom, feliz.

—Muito bem, meu caro doutor — tornou Oscar abraçando — Bom e feliz.

— Não ha duvida. Isto se vê, sente-se, transparece como um fulgor que vem d'alma. Diz o proverbio que casamento e mortalha no céu se talha... No seu caso, o casamento se talhou na mortalha transformada em manto nupcial, prova de que a fatalidade, como a desgraça, tem, ás vezes, utilidades venturosas. Desta feita, os resultados fôram contagiosos. A nossa querida marquezia parece que teve o melhor quinhão nesse capricho da sorte.

— Quanto me custou... — observou a marquezia, sorrindo.

— Não pense mais nisso — continuou Souza e Mello, interrompendo-a — Si o céu está azul, sereno e bonançoso, não devemos relembrar as nuvens negras que o toldaram. A senhora se deve dedicar, agóra, ao futuro, a essa familia que váe nascer ao bafejo do seu carinho maternal, dessa familia que será a sua consolação na ultima phase da sua vida.

— Diga: da minha velhice.

— Oh, marquezia! As mulheres superiores não envelhecem.

— Eu que o diga. Sou uma ruina que não se póde mais disfarçar. Veja estes cabellos brancos..

— Que accrescentam aos seus encantos o da venerabilidade precóce. Repare: aquelles fiosinhos de prata não ficam como um adorno encantador na cabeça de Oscar, na bella fronte de Amelia?... Dão-lhe um certo tom de nobreza...

Um relampago de colera faiscou nos olhos de Amelia.

— Pagamos todos — continuou o advogado — o nosso tributo ao tempo inexoravel. A differença consiste em saber envelhecer: uns se entregam sem resistencia á acção corrosiva das intemperies do meio e lhe apressam o trabalho destruidor; outros se acau-

telam sem privações, reparando continuamente os effeitos da erosão, empregando os thesouros da experiencia no prolongamento da illusão da juventude, mantendo sempre activa e forte a suggestão que nos alegra a existencia. E' por isso que ha velhos voluntarios, atacados na epocha de plena virilidade da decrepitude que é uma cachexia.

— Póde-se saber a que classe de velhos pertence o senhor? — inquiriu Amelia.

— Eu pertenço á classe de homens que sabem envelhecer, que sabem lutar contra a fatal successão dos annos.

(Continúa)

XADREZ

Torneio internacional no Rio de Janeiro. — Terceira partida entre Teichmann e o dr. Caldas Vianna: adiada. — O regresso de Teichmann. — O Club dos Diarios. — O xadrez no estrangeiro.

TORNEIO INTERNACIONAL NO RIO

Agita-se entre os amadores do Rio de Janeiro, sob o patrocínio do Club dos Diarios, a grandiosa idéa de se organizar aqui um grande torneio internacional de xadrez, para o qual seriam convidados dez dos maiores jogadores do mundo, entre os nomes universalmente reputados: dr. E. Lasker, dr. Tarrash, Maroczi, Teichmann, Marshall, Janowski, Pillsbury, Schlechter, Tchigorine, Mieses, Burn, etc. A lembrança foi recebida com grande enthusiasmo e já se contam valiosas offeras, para as grandes despezas em perspectiva, sendo que o auxilio do Club dos Diarios será o preponderante. Póde-se calcular em 50 contos a quantia necessaria para a realisação condigna do projecto.

Fazemos um appello aos amadores de todo o Brazil, pedindo a sua adhesão e o seu concurso material. Esta revista receberá, com agrado, dos seus leitores, as communicações que a este respeito lhe quizerem enviar.

O torneio realizar-se-ia em junho do anno vindouro e já sabemos que na Europa seria recebida a idéa com exito. Bem se comprehende a extraordinaria significação que esse facto teria e a lisonjeira repercussão em todo o mundo civilisado. Provavelmente seria tambem convidado para fazer parte do torneio um mestre sul-americano, escolhido de entre os fortes jogadores de Buenos Aires, e certamente, apesar da sua modestia, o nosso mestre dr. Caldas Vianna seria coagido a se inscrever tambem.

Póde-se, ao que parece, contar com o apoio do governo municipal, que concorreria com uma contribuição razoavel.

O sr. conde de Figueiredo, que é um conhecido do xadrez muito conceituado entre

Os amadores, considera essa tentativa perfeitamente exequível, conforme elle proprio nos disse, e lhe prestará o seu concurso, que é importantissimo.

Sente-se que esta idéa é daquellas que, mal se apresentam, logo se fazem vencedoras.

Emprazamos os nosos leitores para esse espectáculo sem precedentes na America do Sul.

* *
TEICHMANN

O mestre partiu no dia 15, quarta-feira. A bordo acompanharam-no representantes do Club dos Diarios e muitos amadores de xadrez.

Ainda jogou com o dr. Caldas Vianna uma partida, que foi adiada para o anno vindouro, interrompida justamente numa phase curiosa; os amadores poderão julgar da situação dos dois jogadores, pois abaixo reproduzimos a partida.

Teichmann voltará para o anno á America e virá ao Rio de Janeiro, onde deixou reaes sympathias.

* *
DR. CALDAS VIANNA

A vinda do prof. Teichmann ao Rio teve, entre outras, a vantagem de pôr em relevo, em destaque, a figura do dr. Caldas Vianna, que é indisputavelmente o campeão sul-americano.

Na Europa, com o *entrainement* dos torneios e *matches*, o nosso illustre patricio chegaria a competir com os mestres de primeira força e seria um dos grandes jogadores do mundo. Teichmann é um destes e, apesar de profissional, foi com difficuldade que conseguiu empatar as duas partidas que jogou contra elle, o que para o nosso campeão constitúe uma soberba victoria.

* *
O CLUB DOS DIARIOS

E' justo louvar o Club dos Diarios pela magnifica idéa de mandar convidar o prof. Teichmann para vir ao Rio, aqui agasalhando-o com gentileza e conforto. Muito lhe deve o enxadrismo no Brazil, bastando lembrar os torneios que tem organizado com enorme successo.

* *
O XADREZ NO ESTRANGEIRO

Dissemos em um numero anterior que no Congresso Internacional de Ostende haveria sete torneios, dois sendo de mestres. Isto foi modificado, por se terem escuzado alguns dos mais fortes jogadores. Haverá um só torneio de mestres com 28 concurrentes, divididos em duas secções de 14 concurrentes, que entre si jogarão em um turno. Assim, em cada secção haverá 13 partidas jogadas. Os cinco jogadores de cada secção que obtiverem menor numero de pontos se retirarão, dividindo entre si 1.250 francos. Então os 9 de cada secção que ficarem jogarão uma partida contra os 9 da outra; os 14 que chegarem por ultimo sairão do torneio, dividindo entre si 5.000 francos. Os 4 ultimos restantes jogarão duas partidas uns contra os outros, por 4 premios: de 4.000 francos e uma medallha de ouro, 2.500 francos, 1.500 e 1.000. Como se está vendo, é a mais curiosa possivel esta organização.

Mas não é só: além desse torneio, haverá ainda um outro, cujos premios não serão em dinheiro e sim em objectos de arte ou coisa equivalente, um outro para senhoras, e mais tres para amadores, todos com premios e sujeitos a uma contribuição de entrada.

Como já noticiámos, o Congresso se abrirá a 2 de junho; o grande torneio de mestres começará nesse mesmo dia, os outros a 25 de junho.

— De 21 de junho a 31 de agosto realizar-se-á o 15º Congresso da Associação Alemã de Xadrez, em Nuremberg. Haverá um torneio-campeonato, para o qual fôram convidados apenas sete mestres: dr. E. Lasker, dr. Tarrash, Marshall, Maroczy, Pillsbury, Janowski, Schlechter, com premios entre 2.500 e 250 marcos. Ainda haverá um torneio de mestres da associação com 8 premios, um alto torneio com 10 premios e um torneio para amadores.

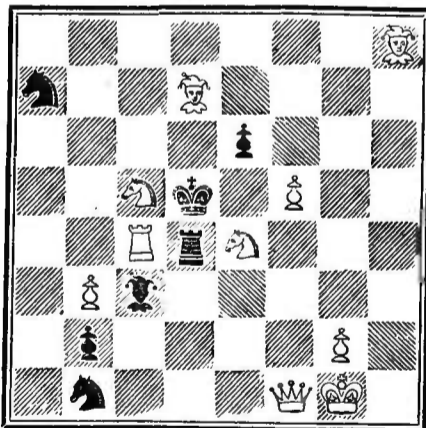
— O *match* entre as universidades ingleza e americana, realizado em março, deu resultado nullo. Até hoje os inglezes ganharam 3 desses *matches*, os americanos 1 e houve duas nullidades.

— O 25º *match* annual entre as Universidades de Cambridge e Oxford teve lugar em abril, tendo Cambridge a victoria. Resultado até hoje: Cambridge ganha 21; Oxford, 11; nullas duas.

— Pillsbury, o celebre jogador americano, um dos mestres mais formidaveis no jogo sem ver, está gravemente enfermo, prostrado com um ataque de apoplexia que lhe paralyzou o lado esquerdo. Já quasi não se conta com o seu restabelecimento, tão grave é o seu estado. Pillsbury tem 33 annos. A sua perda é irreparavel para o enxadrismo, de que é um dos grandes mestres mundiaes.

* *
PROBLEMA N. 48

(A meus paes)
Feliciano M. de Moraes Filho (Rio)
PRETAS (7)



BRANCAS (10)

Mate em dois lances

Recommendamos aos nosos leitores este bello problema, que tem uma esplendida inicial e nove variantes muito bem achadas.

* *
PARTIDA N. 54

(Jogada no Club dos Diarios a 14 maio de 1906)

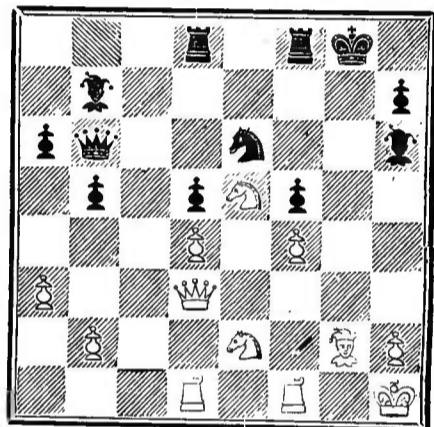
GAMBITO DA DAMA RECUZADO

Branças Pretas
(Dr. Caldas Vianna) (R. Teichmann)

P 4 D — 1 — P 4 D
P 4 B D — 2 — P 3 R

C 3 B D — 3 — C 3 B R
B 5 C R — 4 — B 2 R
P 3 R — 5 — Roque
C 3 B R — 6 — C D 2 D
P X P — 7 — P X P
B 3 D — 8 — P 3 C D
C 5 R — 9 — B 2 C
P 4 B R — 10 — P 4 B D
D 3 B — 11 — T 1 R
Roque (a) — 12 — P 3 T D (b)
T D 1 D — 13 — P X P
P X P — 14 — P 4 C D
P 3 T D — 15 — C 1 B R
B 5 B R — 16 — D 3 C (c)
R 1 T — 17 — T D 1 D
T R 1 R — 18 — P 3 C R
B X C — 19 — B X B
B 3 T — 20 — B 2 C R
D 3 D — 21 — P 3 B R
C 3 B R — 22 — P 4 B R
C 5 R — 23 — C 3 R
P 3 C R — 24 — T 1 B R
B 2 C — 25 — P 4 C R
T 1 B R — 26 — P X P
P X P — 27 — B 3 T
C 2 R — 28 — adiada (d)

Depois do 28º lance das Brancas



(a) 12 — B 5 C D talvez fizesse ganhar um pião, mas daria uma situação complicadissima; em todo o caso a analyse posterior mostrou que seria um lance muito mais forte que o do texto.

(b) Para evitar B 5 C D.

(c) Si agora as Brancas jogam 17 — B X C, na esperança de ganhar o pião da Dama, as Pretas jogariam 17... D X C, ameaçando o B e voltariam a guardar o pião com a D.

(d) Esta partida começou ás 9 horas da noite e foi suspensa ás 12 1/2 da manhã. Desse tempo o professor Teichmann por si tomou um pouco mais de duas horas, tendo os seus lances profundamente meditados. Apesar disso a sua situação não é lisonjeira: a sua D. e o B D estão um tanto fóra de jogo e este principalmente custará a se arregimentar efficazmente. Os cavallos das Brancas occupam fortissimas posições, principalmente o que se acha a 5 R.

Theoricamente, pois, parece que a victoria será das Brancas. Os nosos leitores, analysando cuidadosamente a presente posição, que damos em diagramma, avaliarão por si.

* *
F. M. de Moraes Filho. — O seu problema é muito bonito. Continúe a nos honrar com a sua collaboraçao.

* *
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 47 (R. Teichmann): 1 — B 5 D, R X C; 2 — C 3 R x etc. 1... R 6 D; 2 — C 2 C x, etc. 1... B 7 T; 2 — C 4 B R, etc. 1... B 2 B, C 6 B R, etc. 1... B 3 D, 2 — C 6 B mate; 1... P move; 2 — C 4 B R, etc.

JOSÉ GETULIO.